

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO
AMBIENTAL**

Ingrid Angela Welter

**ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO AMBIENTAL
ATRAVÉS DO USO DE MAPAS MENTAIS SOBRE OS
LUGARES VIVIDOS POR ALUNOS DO 6º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL DO MUNICÍPIO DE SANTA
MARIA – RS**

Santa Maria, RS

2018

Ingrid Angela Welter

**ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO AMBIENTAL ATRAVÉS DO USO
DE MAPAS MENTAIS SOBRE OS LUGARES VIVIDOS POR ALUNOS DO 6º
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA – RS**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Ambiental, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Educação Ambiental**.

Orientadora: Profª Drª. Ana Maria Thielen Merck

Santa Maria, RS

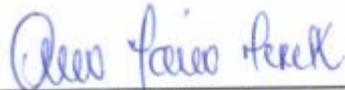
2018

Ingrid Angela Welter

**ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO AMBIENTAL ATRAVÉS DO USO
DE MAPAS MENTAIS SOBRE OS LUGARES VIVIDOS POR ALUNOS DO 6º
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA – RS**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Ambiental, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Educação Ambiental**.

Aprovada em 09 de março de 2018:

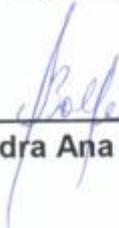


Ana Maria Thielen Merck, Dr^a. (UFSM)

(Presidente/Orientadora)



Adriano Cancelier, Dr. (UFSM)



Sandra Ana Bolfe, Dr. (UFSM)

Santa Maria, RS

2018

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, namorado e amigos que sempre me apoiam e torcem pela minha realização pessoal e profissional.

AGRADECIMENTOS

Obrigada Deus pela permissão de concluir este trabalho de monografia da Especialização em Educação Ambiental. Espero ser útil à sociedade através dos ensinamentos adquiridos buscando um meio ambiente cada vez melhor de se viver.

Obrigada meus pais Antônio e Marilene Welter, meus irmãos Tiago e Sabrina, cunhados Jader e Dinaura, vó Olívia, tios e tias, prima Katiéli e demais primos que sempre me incentivam a melhorar cada dia mais e seguir na busca dos meus objetivos.

Obrigada meu namorado Márcio Depexe por sempre me ajudar em todos os meus projetos e incentivar para crescer sempre mais.

Obrigada amigos Patrícia, Greice, Priscila, Rúbia, Kássia, Gustavo, Joceli, entre outros, pelo apoio e descontração nos encontros. Em especial Dilcinéia e Beto pelos finais de semana em família com verdadeira injeção de ânimo para seguir em frente.

Aos amigos Ademir, Myrta, Juliane, Victor, Francis e Onilda da Sukyo Mahikari pelo aporte emocional e luz divina transmitida para o aprimoramento espiritual e motivação para a conclusão deste trabalho.

Obrigada professora e orientadora Ana Merck pelo suporte recebido para o desenvolvimento deste trabalho. Obrigada também ao secretário Miguel pelo auxílio em todo processo desde o início da especialização.

Colegas e amigos da pós agradeço por compartilharmos momentos únicos de muito aprendizado, crescimento e descontração durante as aulas e também na parte final da monografia.

Obrigada aos professores da especialização pelos ensinamentos transmitidos que serão muito úteis para a vida de cidadãos e educadores ambientais.

Agradecimento especial as professoras de geografia das escolas selecionadas para a pesquisa: Adriana, Cristina, Eunice e Lisane. Grata pela receptividade com o trabalho e toda ajuda recebida. Obrigada também a direção e coordenadores das escolas por facilitarem o desenvolvimento do trabalho desde o primeiro contato até a última visita.

Obrigada queridos alunos das turmas de 6º ano das escolas municipais, sem a colaboração de vocês não haveria trabalho algum.

Obrigada professora Sandra Bolfe, Adriano Cancelier e Toshio Nishijima por aceitarem o convite para participar como membros da banca da defesa deste trabalho.

RESUMO

ESTUDO SOBRE A PERCEPÇÃO AMBIENTAL ATRAVÉS DO USO DE MAPAS MENTAIS SOBRE OS LUGARES VIVIDOS POR ALUNOS DO 6º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL DO MUNICÍPIO DE SANTA MARIA – RS

AUTORA: Ingrid Angela Welter
ORIENTADORA: Ana Maria Thielen Merck

O presente trabalho realiza uma análise sobre a percepção ambiental de alunos do 6º ano do ensino fundamental do município de Santa Maria com relação ao lugar onde moram. O levantamento é realizado em escolas que representam diferentes regiões do município, a saber: região norte, leste, oeste e central. Como método, adotou-se a elaboração de mapas mentais visando obter, através de desenhos, os lugares, situações e coisas que são mais representativas aos alunos. São aplicados também questionários a fim de maximizar o alcance da interpretação dos mapas. As análises realizadas possuem como bases referenciais, sobretudo, conteúdos ligados à geografia humanista. As representações através de mapas mentais foram convergentes com os dados obtidos nos questionários, revelando que a percepção dos alunos sobre tópicos como problemas ambientais, vizinhança e trânsito, apresentam similaridades em suas manifestações, ainda que em bairros diferentes.

Palavras-chave: Mapas mentais. Percepção do lugar. Educação ambiental. Geografia humanista.

ABSTRACT

STUDY ON ENVIRONMENTAL PERCEPTION THROUGH THE USE OF MENTAL MAPS ON PLACES LIVED BY STUDENTS OF THE 6th YEAR OF FUNDAMENTAL EDUCATION IN THE CITY OF SANTA MARIA – RS/BRAZIL

Author: Ingrid Angela Welter
Advisor: Ana Maria Thielen Merck

The present work performs an analysis about the environmental perception of students of the 6th year of primary education in the municipality of Santa Maria/RS – Brazil, in relation to the place where they live. The survey is conducted in schools representing different regions of the municipality, namely: north, east, west and central. As a method, mental maps were used to obtain, through drawings, the places, situations and things that are most representative of the students. Questionnaires were also applied to maximize the scope of map interpretation. The analyzes carried out contents related to humanistic geography. The representations through mental maps were convergent with the data obtained in the questionnaires, revealing that the students' perceptions on topics such as environmental, neighborhood and transit problems have similarities in their manifestations, although in different neighborhoods.

Key-words: Mental maps. Perception of the place. Environmental education. Humanist geograph.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Mapa de localização das escolas no município de Santa Maria.....	26
Figura 2 -	Fachada da EMEF Maria de Lourdes Bandeira Medina.....	27
Figura 3 -	Fachada da EMEF Vicente Farençena.....	28
Figura 4 -	Fachada da EMEF Pinheiro Machado.....	28
Figura 5 -	Fachada da EMEF Dom Luiz Victor Sartori.....	29
Figura 6 -	Atividade de mapas mentais na EMEF Maria de Lourdes Bandeira Medina.....	30
Figura 7 -	Atividade de questionários na EMEF Maria de Lourdes Bandeira Medina.....	31
Figura 8 -	Atividade de mapas mentais na EMEF Vicente Farençena.....	31
Figura 9 -	Atividade de questionários na EMEF Vicente Farençena.....	32
Figura 10 -	Atividade de mapas mentais na EMEF Pinheiro Machado.....	32
Figura 11 -	Atividade de questionários na EMEF Pinheiro Machado.....	33
Figura 12 -	Atividade de mapas mentais na EMEF Dom Luiz Victor Sartori.....	34
Figura 13 -	Atividade de questionários na EMEF Dom Luiz Victor Sartori.....	34
Figura 14 -	Percentuais dos tipos de representação dos mapas mentais em todas as escolas.....	36
Figura 15 -	Percentuais dos tipos de representação dos mapas mentais da EMEF Bandeira Medina.....	37
Figura 16 -	Percentuais dos tipos de representação dos mapas mentais da EMEF Vicente Farençena.....	38
Figura 17 -	Percentuais dos tipos de representação dos mapas mentais da EMEF Pinheiro Machado.....	39
Figura 18 -	Percentuais dos tipos de representação dos mapas mentais da EMEF Dom Luiz Victor Sartori.....	40
Figura 19 -	Percentuais dos tipos de ícones representados nos mapas mentais de todas as escolas.....	41
Figura 20 -	Percentuais dos tipos de ícones representados nos mapas mentais da EMEF Bandeira Medina.....	42
Figura 21 -	Percentuais dos tipos de ícones representados nos mapas mentais da EMEF Vicente Farençena.....	43
Figura 22 -	Percentuais dos tipos de ícones representados nos mapas mentais da EMEF Pinheiro Machado.....	44
Figura 23 -	Percentuais dos tipos de ícones representados nos mapas mentais da EMEF Dom Luiz Victor Sartori.....	45
Figura 24 -	Mapa mental 01 – EMEF Maria de Lourdes Bandeira Medina.....	47
Figura 25 -	Mapa mental 02 – EMEF Maria de Lourdes Bandeira Medina.....	48
Figura 26 -	Mapa mental 01 – EMEF Vicente Farençena.....	49
Figura 27 -	Mapa mental 02 – EMEF Vicente Farençena.....	50
Figura 28 -	Mapa mental 01 – EMEF Pinheiro Machado.....	51

Figura 29 -	Mapa mental 02 – EMEF Pinheiro Machado.....	52
Figura 30 -	Mapa mental 01 – EMEF Dom Luiz Victor Sartori.....	53
Figura 31 -	Mapa mental 02 – EMEF Dom Luiz Victor Sartori.	54
Figura 32 -	Respostas da questão: “Em qual bairro você mora?”.....	55
Figura 33 -	Respostas da questão: “Diga um ponto de referência no bairro onde fica sua casa”.....	56
Figura 34 -	Respostas do questão: “O que você gosta de fazer no lugar onde mora”.....	56
Figura 35 -	Respostas da questão: “Do que você não gosta no lugar onde mora?”.	57
Figura 36 -	Respostas da questão: “Você conhece seus vizinhos? Tem amizade com eles e/ou com outras pessoas do bairro?”.....	58
Figura 37 -	Respostas da questão: “Você se sente seguro no seu bairro?”.....	58
Figura 38 -	Respostas da questão: “Você se sente seguro no seu bairro?”.....	59
Figura 39 -	Respostas da questão: “Qual é o maior problema no lugar onde você mora?”.....	60

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	OBJETIVOS	12
2.1	OBJETIVO GERAL	12
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	12
3	REFERENCIAL TEÓRICO	13
3.1	EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO BRASIL	13
3.2	ORIGEM DA GEOGRAFIA HUMANISTA E FENOMENOLOGIA	15
3.3	PERCEPÇÃO E LUGAR NO ENSINO DE GEOGRAFIA	18
3.4	MAPAS MENTAIS	20
4	METODOLOGIA	23
4.1	PROCEDIMENTOS TÉCNICO-METODOLÓGICOS	23
4.2	CONTEXTUALIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTUDO	25
4.2.1	Caracterização da área de estudo	25
4.2.1.1	<i>EMEF Maria de Lourdes Bandeira Medina – Região norte</i>	27
4.2.1.2	<i>EMEF Vicente Farenzena – Região leste</i>	27
4.2.1.3	<i>EMEF Pinheiro Machado – Região oeste</i>	28
4.2.1.4	<i>EMEF Dom Luiz Victor Sartori – Região central</i>	29
4.2.2	Os sujeitos da pesquisa	29
4.2.2.1	<i>EMEF Maria de Lourdes Bandeira Medina - Região norte</i>	30
4.2.2.2	<i>EMEF Vicente Farenzena - Região leste</i>	31
4.2.2.3	<i>EMEF Pinheiro Machado - Região oeste</i>	32
4.2.2.4	<i>EMEF Dom Luiz Victor Sartori - Região central</i>	33
5	RESULTADOS E DISCUSSÕES	35
5.1	ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS MAPAS MENTAIS	35
5.2	ANÁLISES DOS MAPAS MENTAIS – GEOGRAFIA HUMANISTA	46
5.2.1	Mapas mentais da EMEF Maria de Lourdes Bandeira Medina – Região norte	46
5.2.1.1	<i>Mapa mental 01</i>	46
5.2.1.2	<i>Mapa mental 02</i>	47
5.2.2	Mapas mentais da EMEF Vicente Farenzena – Região leste	49
5.2.2.1	<i>Mapa mental 01</i>	49
5.2.2.2	<i>Mapa mental 02</i>	50
5.2.3	Mapas mentais da EMEF Pinheiro Machado – Região oeste	51
5.2.3.1	<i>Mapa mental 01</i>	51
5.2.3.2	<i>Mapa mental 02</i>	52
5.2.4	Mapas mentais da EMEF Dom Luiz Victor Sartori – Região central	53
5.2.4.1	<i>Mapa mental 01</i>	53
5.2.4.2	<i>Mapa mental 02</i>	54
5.3	ANÁLISE DAS RESPOSTAS OBTIDAS NOS QUESTIONÁRIOS	54
5.4	ANÁLISE GERAL DOS RESULTADOS	60
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
7	REFERÊNCIAS	65

1 INTRODUÇÃO

A elaboração de mapas mentais consiste na livre expressão dos alunos através de desenhos, de modo que eles possam representar suas percepções e experiências diárias no meio em que vivem. Mapas mentais têm sido aplicados com sucesso por diversos autores, como um método para pesquisas sobre educação e geografia, ou mesmo em outras áreas do conhecimento.

Os resultados obtidos através desta abordagem podem ser interpretados sob diversos enfoques. Neste trabalho, adota-se principalmente a linha da geografia humanista, com análises predominantemente baseadas na fenomenologia. Entretanto, uma análise estatística dos mapas mentais, bem como de questionários realizados em paralelo à atividade, servem de complemento às análises realizadas.

A temática escolhida para o trabalho foi *“o lugar onde você mora”*. O objetivo foi investigar as representações dos lugares, situações e coisas que são mais importantes e simbólicas para os alunos nos lugares onde moram, traçando um paralelo com o meio ambiente e a educação ambiental. Foi obtido um panorama diversificado do ponto de vista dos alunos com relação ao meio ambiente em que vivem, por isso, os mapas mentais foram aplicados em escolas de diferentes regiões do município de Santa Maria.

O presente trabalho justifica-se pela dificuldade identificada no ambiente escolar, por parte dos professores do ensino fundamental, em trabalhar com a prática da educação ambiental. Ao captar quais são os principais aspectos ambientais percebidos pelos alunos em suas vidas cotidianas, estes resultados tornam-se preciosos recursos didáticos para a educação ambiental, uma vez que mostram, pela própria percepção dos alunos, os temas ambientais que mais preocupam os alunos em suas realidades locais, portanto, são temas que chamam a atenção dos alunos e que podem ser o início da criação de uma mentalidade voltada à importância da educação ambiental e preservação do meio ambiente.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo geral do trabalho é analisar a percepção ambiental, através do uso de mapas mentais, sobre o lugar onde moram alunos do 6º ano do ensino fundamental do município de Santa Maria – RS.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Realizar atividade em sala de aula que consiste na elaboração de mapas mentais pelos alunos do 6º ano das escolas.
- Analisar as representações expressas nos mapas mentais com as respostas obtidas nos questionários.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Este capítulo trata da fundamentação teórica utilizada na elaboração da monografia. Está dividido em quatro partes, a saber: Educação Ambiental no Brasil; Origem da Geografia Humanista; Percepção e Lugar no Ensino de Geografia; Mapas Mentais.

3.1 EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO BRASIL

A ação do homem na Terra trouxe ao longo dos séculos problemas em diversas esferas do meio ambiente, tais como a poluição, o desmatamento e a extinção de espécies. Tendo em vista a necessidade de critérios e um entendimento global sobre o meio ambiente, a Organização das Nações Unidas (ONU), reuniu-se em 1972, na conferência de Estocolmo, para traçar princípios gerais sobre o tema. O texto (ONU, 1972), proclama em sua primeira parte o seguinte:

1. O homem é ao mesmo tempo obra e construtor do meio ambiente que o cerca, o qual lhe dá sustento material e lhe oferece oportunidade para desenvolver-se intelectual, moral, social e espiritualmente. Em larga e tortuosa evolução da raça humana neste planeta chegou-se a uma etapa em que, graças à rápida aceleração da ciência e da tecnologia, o homem adquiriu o poder de transformar, de inúmeras maneiras e em uma escala sem precedentes, tudo que o cerca. Os dois aspectos do meio ambiente humano, o natural e o artificial, são essenciais para o bem-estar do homem e para o gozo dos direitos humanos fundamentais, inclusive o direito à vida mesma.

2. A proteção e o melhoramento do meio ambiente humano é uma questão fundamental que afeta o bem-estar dos povos e o desenvolvimento econômico do mundo inteiro, um desejo urgente dos povos de todo o mundo e um dever de todos os governos.

[...]

A partir da Conferência de Estocolmo, houve no Brasil o desenvolvimento de uma legislação interna, consagrada na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 no seu artigo 225, bem como pela Lei 9.795, de 27 de abril de 1999, que dispõe sobre a educação ambiental, e institui a Política Nacional de Educação ambiental (BRASIL, 1999).

O Art. 2º da Lei 9.795 proclama:

Art. 2º A educação ambiental é um componente essencial e permanente da educação nacional, devendo estar presente, de forma articulada, em todos os níveis e modalidades do processo educativo, em caráter formal e não-formal.

Desse modo, a educação ambiental é prevista no Brasil por força de lei.

É neste contexto que o presente trabalho se situa, pois a maior parte da população brasileira vive em cidades, o que reflete em uma crise ambiental urbana. Neste cenário, torna-se necessário refletir sobre os desafios para mudar as formas de pensar e agir em torno da questão ambiental numa perspectiva contemporânea.

A sustentabilidade, por exemplo, é um princípio ambiental que visa um desenvolvimento econômico e social de forma consciente e preocupado com o meio ambiente, diminuindo os danos já causados ou recuperando-os, visando uma melhoria no ambiente. Desse modo, parte-se do princípio que é possível gerar desenvolvimento voltado para a preservação e conservação dos recursos naturais tanto em escala local como em escala planetária, mantendo e preservando o meio ambiente (RODHE. 2012)

Neste contexto, a educação ambiental passa a ser um tema de relevância social, na tentativa de educar o indivíduo através de valores que sejam compatíveis com a sustentabilidade, o respeito aos recursos naturais esgotáveis, e a convivência do ser humano. Como resultado, a educação ambiental vem sendo trabalhada em várias esferas da sociedade, com destaque às escolas – local que colabora, sobretudo com a formação de valores dos alunos (RODHE. 2012).

Desse modo, verifica-se a importância de tratar o tema da educação ambiental em sala de aula, e buscar meios de fazê-lo é uma tarefa para os educadores. A abordagem através de mapas mentais é um método que permite lidar com a interpretação dos alunos sobre um determinado assunto, e pode ser analisada através de diversas vertentes do conhecimento. Neste trabalho, as análises são realizadas sobretudo através da geografia humanista e os conceitos de fenomenologia.

3.2 ORIGEM DA GEOGRAFIA HUMANISTA E FENOMENOLOGIA

A geografia humanista tem sua origem nos anos 1970 notoriamente nos Estados Unidos e no Canadá, como uma resposta ao neopositivismo, também denominado positivismo lógico, que era vertente filosófica predominante na época, caracterizada por sua objetividade científica. Naquela época, alguns grupos de pesquisadores ansiavam por uma retomada da humanização na ciência, com o objetivo de estabelecer novas relações entre sujeitos e objetos na relação homem versus mundo considerando-os como pólos inseparáveis para a compreensão e explicação dessas interrelações (RIBEIRO, W.C.; LOBATO, W. ; LIBERATO, 2009). Nesse sentido, Oliveira (2006), exprime de forma sucinta as motivações e o cenário nos primórdios da geografia humanista:

a geografia humanística [...] origina-se com o objetivo de combater posturas positivistas dentro da geografia que desconsideram, e até mesmo negam as relações subjetivas do homem com o espaço. Privilegia como método de interpretação da realidade à Fenomenologia, esta tem como foco central à construção do mundo vivido pelos indivíduos sociais e culturais de cada um. O mundo vivido fundado na experiência que o homem tem com seu meio ambiente, constitui-se assim, a maior expressão de seu conteúdo.

(OLIVEIRA, 2006, p. 38)

Os precursores desta nova abordagem buscavam renovar epistemologicamente a geografia, através da inserção de elementos do humanismo no estudo da geografia (MARANDOLA, 2013). Nesse contexto, a fenomenologia foi pela primeira vez incorporada de forma sistemática à geografia, como uma filosofia compatível com as expectativas dos geógrafos humanistas, pois inseriu elementos tais como a experiência do mundo vivido, característica da filosofia de Husserl, e também da fenomenologia existencial de Martin Heidegger.

O filósofo alemão Edmund Husserl (1859-1938) é considerado o precursor da fenomenologia. Uma das principais contribuições de Husserl é a experiência vivida pelos indivíduos (ROHDE, 2012). Para Husserl, a realidade varia de observador para observador, pois cada indivíduo possui os seus próprios

valores, bem como suas práticas e intuições, caracterizando assim, as relações entre o sujeito e o objeto (FRASSON, 2008).

Deste modo, foca-se no objetivo de desvendar o diálogo entre os indivíduos e a subjetividade do seu mundo. A diferença essencial em relação aos métodos convencionais de investigação centra-se na distinção entre comportamento e experiência, isto é, na crítica fenomenológica de duas questões: a relação do corpo e da mente e a relação da pessoa e o mundo. “A pessoa (corpo, mente, emoção, vontade) e mundo estão engajados nos processos e padrões observáveis no comportamento evidente” (BUTTIMER, 1982, p. 176–177).

O campo de estudos da geografia humanista ganhou ainda mais espaço com as publicações “*Humanistic Geography*”, por Yi-Fu Tuan na *Annals of the Association of American Geographers*, em 1976, assim como a coletânea de mesmo nome publicada por David Ley e Marwyn Samuels, em 1978 (TUAN, 1976; LEY;SAMUELS, 1978). Ainda em 1976, outros geógrafos do movimento, como Anne Buttimer, Edward Relph e J. Nicholas Entrikin, também publicaram importantes textos e livros marcando este capítulo da história da geografia (MARANDOLA,2013).

A principal característica destas publicações foi a tentativa de colocar a fenomenologia como base para a renovação epistemológica da geografia. Todas essas ideias fenomenológicas conduziram os geógrafos a pensarem e redesenharem o conceito de lugar que se tornou um dos fundamentos da geografia humanista. Seamon e Sowers (2008) destacam a importância que o conceito de lugar trazia aos estudiosos nos anos 70, em tradução livre:

“Os geógrafos por muito tempo discutiram a importância do lugar como único foco distinguindo a geografia das outras disciplinas. A astronomia tem os céus, a história tem o tempo, e a geografia tem o lugar. Entretanto, a principal questão que os geógrafos precisariam responder, cedo ou tarde é “O que é exatamente lugar?”. Seria meramente um sinônimo de localidade, ou um conjunto único de cultura e natureza... ou poderia ser algo a mais?”

(SEAMON; SOWERS, 2008, p.43)

Um significado para o conceito de lugar foi apresentado na tese de doutorado do canadense Edward Relph, mais tarde editada e tornando-se o livro “*Place and Placelessness*”, um clássico da geografia humanista lançado em 1976. Relph descreve a identidade de um lugar em termos de três partes:

1. A configuração física do lugar;
2. As atividades, situações, eventos que ocorrem no local;
3. Os significados individuais e em grupos criados através das experiências e intenções das pessoas, relativas ao lugar;

Relph enfatiza, entretanto, que a definição de lugar por estes três itens não é suficientemente profunda, porque essencialmente lugares são “centros significativos de nossas experiências imediatas do mundo” (Relph, 1967, p. 45). A definição de Relph é similar àquela de Yi-Fu Tuan, sino-americano, autor das publicações clássicas “*Topofilia*” (1974) e “*Espaço e lugar*” (1977). Para Tuan (1983), o lugar é constituído por diversas esferas de valor e só pode ser compreendido por meio das experiências vividas no local.

Tuan criou o termo “*topofilia*” para caracterizar o estudo das relações do homem com o espaço vivido através da percepção. Segundo Tuan (1983), a topofilia seria uma sensação positiva com relação a um determinado lugar em que se sente bem, enquanto o termo “topofobia”, teria significado oposto à topofilia, ou seja, caracteriza uma relação negativa que o indivíduo possui para com determinado lugar, seja relacionado a medo, desconforto, traumas ou qualquer sensação negativa. Essas relações seriam chamadas topofóbicas, ou seja, aversão das pessoas com determinado lugar ou ambiente (ROHDE, 2012).

Uma contribuição importante de Tuan é a noção de que duas pessoas nunca veem a mesma realidade, pois cada uma delas tem uma sensação única desenvolvida com cada lugar. Assim uma pessoa pode ter uma relação topofílica com um lugar, enquanto outra pode ter uma relação topofóbica associada ao mesmo lugar.

Com relação à aplicação da fenomenologia na construção de uma geografia humanista, Marandola Jr. (2013) conclui que a fenomenologia torna-se essencialmente uma renovação conceitual, uma postura para pesquisa:

[...] Como a geografia humanista trouxe a fenomenologia para repensar a epistemologia geográfica e como muitos autores não a tinham em si como seu principal tema de investigação, ela aparece muito significativamente como abordagem, não se fechando sobre temas específicos. Em vista disso, mesmo que a geografia humanista, como movimento, já não existisse claramente, suas preocupações estavam sendo incorporadas em vários campos e temáticas da geografia, pois foi carregada pelos geógrafos enquanto abordagem metodológica ou conceitual, especialmente pelas discussões sobre lugar e paisagem. Por conta desse processo, a geografia humanista, como um todo, não se aprofundou na fenomenologia ao ponto de construir ou propor uma geografia fenomenológica. Os geógrafos deste movimento escavaram até certo ponto (com a exceção de Relph), e diante de dificuldades inerentes de se incorporar um sistema filosófico heterodoxo como a fenomenologia ao fazer científico, satisfizeram-se com a renovação conceitual que haviam conseguido e com as aberturas que se constituíram.

Em meio às abordagens apresentadas, este trabalho se guiará mantendo a fenomenologia como uma postura de pesquisa e de abertura à força de expressão dos alunos do ensino fundamental no que diz respeito às suas experiências dos lugares vividos, com objetivo de captá-las em sua essência, de forma descritiva, tal como é o método fenomenológico.

3.3 PERCEPÇÃO E LUGAR NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Conforme evidenciado por Bertin (2014, p. 74), “à geografia cabe a reflexão sobre os acontecimentos gerados da interação entre as diversas sociedades/grupos e ao processo global das técnicas, da ciência e dos meios de informação”. A escola deve ser, sobretudo, um agente para a elaboração destas reflexões com os educandos. Verifica-se, entretanto, que conteúdos de geografia têm sido abordados de forma distante da experiência do mundo vivido pelos alunos.

Nesse sentido, as abordagens empregadas têm sido por muito tempo, pouco atrativas aos alunos. Em geral, trata-se de práticas discursivas e enciclopédicas, em que o aluno é um agente passivo e sua percepção e

experiência cotidiana não contribuem para a construção do conhecimento. Neste sentido, Bertin (2014), faz uma importante contribuição, quando conecta a experiência do cotidiano dos alunos com a possibilidade da concretização da aprendizagem como, por exemplo, do conceito de lugar:

A partir do desvelar do cotidiano dos educandos, diante de seus interesses e necessidades é que haverá a possibilidade em conhecer os símbolos representados em suas mentes e ultrapassar a visualização do lugar. Nesse sentido, com a transposição das aprendizagens significativas construídas, o educando poderá, ao concretizar o lugar, compreender as interações e/ou inter-relações entre os diversos fenômenos, atribuindo-lhe sentido não aqueles presentes no ambiente de vivência, mas considerando escalas espaciais mais amplas (Bertin, 2014, p.79).

Nesse contexto, o uso de métodos de ensino que permitam a inserção do aluno como um agente ativo da formação do conhecimento a partir de suas experiências é uma possibilidade a ser explorada a fim de trazer uma maior experiência de aprendizado ao aluno. Nesse sentido, Oliveira (2003) afirma:

[...] ensino que busque incutir nos alunos uma postura crítica diante da realidade, comprometida com o homem e a sociedade; não com o homem abstrato, mas com o homem concreto, com a sociedade tal qual ela se apresenta, dividida em classes com conflitos e contradições. E contribua para a sua transformação (OLIVEIRA, 2003, p. 143).

Desse modo, os profissionais da educação, principalmente os professores de geografia devem estar comprometidos em se tornarem facilitadores da percepção e compreensão da organização do espaço (BERTIN, 2014), do entendimento dos alunos de sua importância e atuação em sociedade. Para isso é fundamental que seja trabalhado em sala de aula conteúdos que considerem a percepção dos alunos e os lugares em que vivem. Esta é uma orientação presente inclusive na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que expressa o seguinte

[...] é fundamental que o espaço vivido pelos alunos continue sendo o ponto de partida dos estudos [...]. A compreensão de como a realidade local relaciona-se com o contexto global é um trabalho a ser desenvolvido durante toda a escolaridade, de modo cada vez mais abrangente, desde os ciclos iniciais (BRASIL,1998, p. 30).

Nesse sentido, os mapas mentais constituem-se em uma metodologia focada na percepção e experiência do mundo vivido pelos alunos, que pode ser empregada em atividades de sala de aula.

3.4 MAPAS MENTAIS

A concepção e os objetivos de um mapa mental são diferentes daquele de um mapa cartográfico. Os mapas cartográficos surgiram em função da necessidade do ser humano de se comunicar e registrar diferentes partes do planeta Terra que passavam a ser conhecidas. De acordo com Raisz (1969, p. 2), o mapa é “uma representação convencional da superfície terrestre, vista de cima, na qual se colocam letreiros para a identificação”.

Mesmo antes da criação formal de mapas, entretanto, deve-se destacar que a imagem como representação do espaço é utilizada desde a pré-história, com o aparecimento da linguagem simbólica, quando o homem gravou na pedra as cenas do seu cotidiano, da sua história, das direções percorridas (LIMA; KOZEL, 2009).

Os mapas mentais, por outro lado, são construções simbólicas e cognitivas. Desenhos concebidos a partir de observações sensíveis, da experiência humana no lugar e não se baseiam em informações precisas e rigorosamente estabelecidas (LIMA; KOZEL, 2009). Desse modo, os mapas mentais são frutos da construção da experiência do indivíduo, e carrega informações de diferentes esferas de valores. Conforme evidenciado por Nitsche e Kozel (2007), os mapas mentais devem ser compreendidos:

[...] além da representação precisa da superfície da Terra, mas como instrumentos que podem construir e comunicar ideias, mitos, costumes e fatos diversos, através da forma com que pessoas comuns expressam graficamente suas imagens mentais, sobre seus lugares de vida [...]” (NITSCHKE; KOZEL, 2007, p.3)

Conforme visto anteriormente, a percepção do lugar vivido, dentro da ótica da geografia humanista e da fenomenologia, é indissociável do ponto de vista e da experiência do indivíduo que vive o lugar. Em consequência disso, a elaboração de mapas mentais torna-se uma ferramenta adequada para este tipo de análise, pois, conforme afirma Archela (2010),

os mapas mentais são imagens espaciais que as pessoas têm de lugares conhecidos, direta ou indiretamente. As representações espaciais mentais podem ser do espaço vivido no cotidiano, como por exemplo, os lugares construídos do presente ou do passado; de localidades espaciais distantes, ou ainda, formadas a partir de acontecimentos sociais, culturais, históricos e econômicos, divulgados nos meios de comunicação (ARCHELA; GRATÃO; TROSTDORF, 2010, p. 127)

Assim, a elaboração de mapas mentais tem sido uma abordagem adotada em trabalhos que buscam, sobretudo, uma análise sobre a percepção do lugar vivido (SANTOS, 2013). Desse modo, os mapas mentais elaborados pelos estudantes sobre os lugares onde moram representados no estudo de caso do trabalho, retratam a experiência vivida por eles naqueles lugares, ou seja, a partir da sua interpretação é possível perceber a relação deste aluno com o meio onde vive.

Apesar dos mapas mentais serem uma metodologia claramente compatível com uma análise pautada na fenomenologia, torna-se importante nesse momento explorar os recursos que os mapas mentais fornecem, ou seja, que tipo de informação será possível deles extrair e, ainda mais importante, quais os métodos serão empregados na análise desses desenhos. Inicialmente, consideremos - ainda que de forma sucinta - a definição de signo segundo Ferrara (1999), “signo é aquele que representa algo para alguém; supõe, portanto, um objeto que é representado e um receptor a quem se dirige a representação.”.

O signo, entretanto, não substitui o objeto representado de forma completa servindo apenas para representar os aspectos elegidos por aquele que o elabora. Dessa forma, cada representação construída tende a mostrar um tipo de elemento, um tipo de lugar, de espaço, pois cada interprete utilizará os signos que mais se aproximam com seu olhar sobre o lugar vivido por ele. Os signos, nesta abordagem, são os elementos, em sua individualidade, representados por meio de desenhos feitos pelos alunos.

A professora de geografia Salete Kozel (2001), da Universidade Federal do Paraná, propõe uma metodologia para análise de mapas mentais a ser adotada neste trabalho, que consiste em quatro fases, onde parâmetros para análise são elencados. As quatro fases de análise são (LIMA; KOZEL, 2009):

1. *Interpretação quanto à forma de representação dos elementos na imagem.*

2. *Interpretação quanto à distribuição dos elementos na imagem - horizontalmente, isolados, forma dispersa, em perspectiva, circular.*

3. *Interpretação quanto à especificidade dos ícones:*

- a) elementos da paisagem natural;
- b) elementos da paisagem construída;
- c) elementos móveis e imóveis;
- d) elementos humanos.

4. *Interpretação sobre particularidades.*

É objetivo também avaliar nos desenhos a presença de elementos que possam caracterizar os seguintes itens, que são oriundos de análises realizadas com bases em conceitos e ideias por Dardel e Tuan:

- 1- Noção da distância (longe, perto, dentro, fora);
- 2- Laços afetivos ou não com o lugar;
- 3- As ações e as intenções humanas;
- 4- Relações de topofobia ou topofilia.

Esses termos são resgatados de Dardel (1990), Tuan (1983) e Lynch (1980). Obtém-se, desse modo, uma análise mais aprofundada, uma ponte entre as representações e a geografia humanista - cultural. Ao analisar os mapas mentais, é preciso, portanto, não pensar neles como meros desenhos sem sentido, e focar na intenção do que se quis representar, como aponta KOZEL (2007).

4 METODOLOGIA

4.1 PROCEDIMENTOS TÉCNICO-METODOLÓGICOS

Para a realização do estudo proposto, foram escolhidas cinco escolas públicas municipais de ensino fundamental com ensino do 1º ao 9º ano para realizar o trabalho com os alunos das turmas do 6º ano. As escolas selecionadas se localizam geograficamente nos extremos das regiões administrativas do município, a saber, norte, sul, leste, oeste e centro. Dessa forma os bairros escolhidos foram: Chácara das Flores (região norte), Tomazetti (região sul), Camobi (região leste), Tancredo Neves (região oeste) e centro.

Na sequência, foi realizada uma pesquisa com todas as escolas municipais de ensino fundamental de 1º ao 9º ano da cidade para verificar a exata localização das mesmas. Como resultado, em dois bairros selecionados para ser feita a prática dos mapas mentais com os alunos, não havia escolas municipais e/ou não se encaixavam no critério de ter o ensino do 1º ao 9º ano. Para solucionar esse impasse, foram escolhidos dois bairros vizinhos a esses, a saber: bairro Lorenzi (região sul) e bairro Pinheiro Machado (região oeste), substituindo os bairros Tomazetti e Tancredo Neves, respectivamente.

Com a definição dos bairros foram listadas as escolas municipais pertencentes a esses. Assim, obteve-se o seguinte resultado: no bairro Chácara das Flores existem 2 escolas, no bairro Lorenzi também há 2 escolas, em Camobi houve o maior número de escolas encontradas (total de 6), enquanto que no bairro Pinheiro Machado há apenas 1 escola, e por fim, na região central constam 2 escolas. Dessa forma, o próximo passo foi escolher apenas uma escola em cada bairro e também uma na região central. Para tanto, o critério utilizado foi selecionar as escolas com maior número total de estudantes. Nesse contexto, as escolas selecionadas para desenvolver a parte prática do trabalho foram:

- Bairro Chácara das Flores (região norte): EMEF Maria de Lourdes Bandeira Medina.
- Bairro Lorenzi (região sul): EMEF Luizinho de Grandi.
- Bairro Camobi (região leste): EMEF Vicente Farençena.

- Bairro Pinheiro Machado (região oeste): EMEF Pinheiro Machado.
- Bairro Nonoai (região central): EMEF Dom Luiz Victor Sartori.

A próxima etapa foi entrar em contato com as escolas por telefone para agendar uma visita, com o objetivo de apresentar a proposta do trabalho e verificar a disponibilidade de realizar a prática com os alunos. Em quatro escolas essa parte ocorreu da melhor forma possível, porém na EMEF Luizinho de Grandi, por dificuldade de acesso à escola, não foi possível realizar o trabalho de campo que estava previsto.

No primeiro encontro realizado nas quatro escolas houve um levantamento do número de turmas de 6º ano existentes em cada uma, nos casos que tiveram mais de uma turma foi feita uma nova seleção para que apenas uma turma de 6º ano fosse escolhida por instituição. Nesse momento, o critério utilizado novamente foi a quantidade de alunos, ou seja, a turma maior foi a escolhida para fazer a atividade com os mapas mentais e os questionários.

A partir destas definições, a prática da pesquisa ocorreu ao longo do ano conforme a disponibilidade de horário da pesquisadora e especialmente das escolas, seguindo o planejamento feito pelas professoras das turmas de forma que não atrapalhasse o andamento das aulas. Assim, o exercício em sala de aula por meio da elaboração dos mapas mentais e da aplicação dos questionários transcorreram de forma semelhante e sem contratempos em todas as escolas.

Dessa forma, durante a primeira parte do trabalho nas escolas, os alunos realizaram a atividade dos mapas mentais (desenhos) representando como é o lugar onde moram. Antes de iniciar essa tarefa, os estudantes foram indagados a respeito do conceito de lugar, o qual foi trabalhado pelos professores da disciplina de geografia no início do ano letivo.

Depois de uma breve conversa sobre as temáticas, os alunos receberam orientações gerais para um bom desenvolvimento do trabalho como: desenhar individualmente, não escrever o nome na frente da folha e sim no seu verso, colorir o desenho se assim quiser, entre outras. Para tal atividade, foram entregues materiais de desenho, tais como folha de papel A4 e lápis de cor.

A prática durou o período de uma aula em todas as escolas, por esse fato a parte dos questionários foi sempre realizada em outro dia. As perguntas

contidas nos questionários diziam respeito ao lugar onde os alunos vivem, o que mais gostam e o que menos gostam no local, assim como o que mudariam no lugar, entre outras questões. O “Apêndice A” traz o questionário aplicado.

Para responder as questões os alunos puderam escolher o material para escrever, entre o lápis e a caneta, pois grande parte das turmas fez essa indagação. Outra curiosidade dos educandos em relação ao questionário foi saber se o mesmo era uma prova. Dessa forma, receberam a explicação de que não era uma avaliação, nem tampouco valeria nota, mas que era importante respondê-lo para o desenvolvimento do trabalho da monografia.

Todos os alunos participaram e na maioria das vezes acabaram de forma rápida. Em algumas escolas, conforme a disponibilidade de tempo das professoras das turmas, alguns alunos que não haviam terminado os seus mapas mentais nas aulas anteriores, receberam os seus desenhos de volta para que pudessem concluí-los.

O próximo passo do desenvolvimento do trabalho consistiu na análise dos mapas mentais e dos questionários. O objetivo foi extrair informações com a maior precisão possível, sobre a percepção ambiental que os alunos têm dos lugares em que vivem.

4.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTUDO

4.2.1 Caracterização da área de estudo

O município de Santa Maria localiza-se na região central do Estado do Rio Grande do Sul. Sua população conforme o censo demográfico do IBGE no ano de 2010 é de 261.031 habitantes, sendo que população estimada para 2017 é de 278.445 habitantes. O município possui 41 bairros e 10 distritos em uma área total de 1.781,757 km², já a densidade demográfica gira em torno de 145,98 hab/km².

No que se refere ao ensino, dados do IBGE de 2012 constavam um total de 33.095 alunos matriculados no ensino fundamental, sendo que destes, 13.274 eram alunos da rede municipal e 12.361 da rede estadual. Os demais alunos correspondem a escolas privadas e federais. Verifica-se, portanto, que a rede municipal correspondia em 2012 a maior parcela dos alunos: 40% do total de

matrículas. Além disso, a rede municipal possui 52 escolas enquanto a rede estadual, 33 escolas. Portanto, em média as escolas municipais possuem 237 alunos, e as escolas estaduais 374 alunos.

Neste contexto, como mencionado anteriormente, foram definidas quatro escolas de ensino fundamental do município de Santa Maria localizadas em diferentes bairros da cidade, a saber:

- Bairro Chácara das Flores: localizado na região norte da cidade, têm 3.939 habitantes, sendo o bairro com menor população dentre aqueles pesquisados neste trabalho.

- Bairro Camobi: é o bairro mais populoso de toda cidade, contêm 21.822 habitantes e se localiza na região leste.

- Bairro Pinheiro Machado: localizado na região oeste é o 7º bairro com mais habitantes do município ao possuir 10.943 moradores.

- Bairro Nonoai: situado no centro da cidade, têm 4.168 habitantes.

A seguir, na Figura 1, é apresentado o mapa de localização das escolas selecionadas dentro do município de Santa Maria – RS.

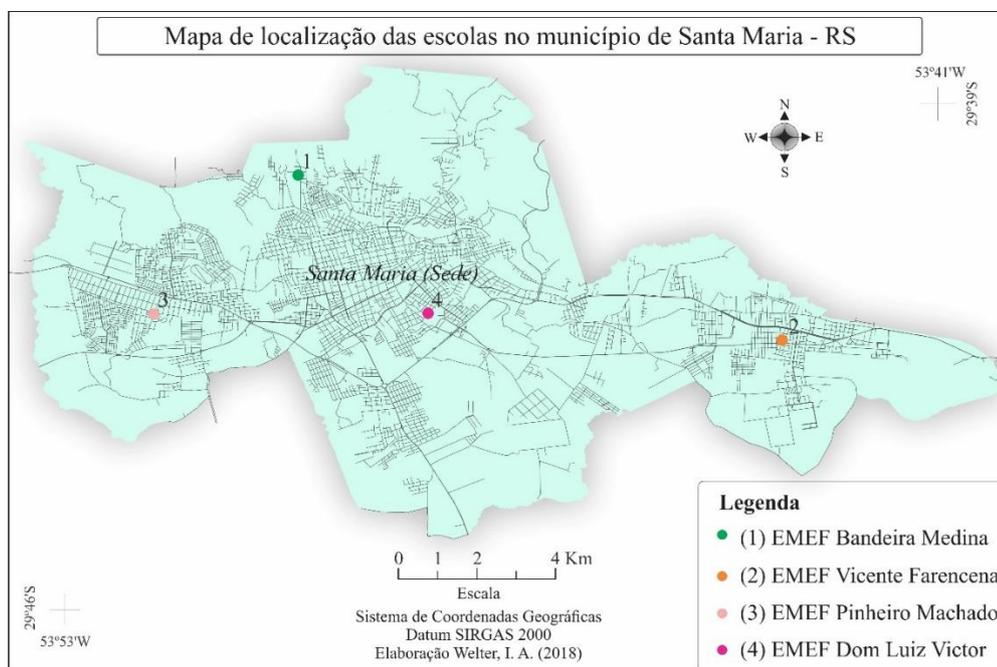


Figura 1: Mapa de localização das escolas no município de Santa Maria – RS. Fonte: WELTER, I. A. (2018)

4.2.1.1 EMEF Maria de Lourdes Bandeira Medina – Região norte

A EMEF Maria de Lourdes Bandeira Medina (Figura 2) localiza-se na rua Vitório Palese, nº 177, bairro Chácara das Flores, município de Santa Maria – RS. Atende entre 220 e 230 alunos distribuídos da seguinte forma: turmas do 5º ao 9º ano no turno da manhã, e 1º ao 4º ano na parte da tarde, sendo que para isso conta com 15 professores. Dessa forma, por conter um número menor de alunos, é a menor das quatro escolas pesquisadas.



Figura 2: Fachada da EMEF Maria de Lourdes Bandeira Medina. Fonte: WELTER, I. A. (2017)

4.2.1.2 EMEF Vicente Farencena – Região leste

A EMEF Vicente Farencena (Figura 3) localiza-se na rua João da Fontoura e Souza, nº 335, bairro Camobi, município de Santa Maria – RS. A escola atende no turno da manhã do 1º ao 5º ano, sendo uma turma apenas de cada ano, e também duas turmas do 8º e 9º ano. Já no turno da tarde, novamente tem uma turma do 1º ao 5º ano, e duas turmas do 6º e 7º ano. O total de professores é 19, já o de alunos é 438, assim é a terceira maior escola dentre as quatro selecionadas para o trabalho.



Figura 3: Fachada da EMEF Vicente Farencena. Fonte: WELTER, I. A. (2017)

4.2.1.3 EMEF Pinheiro Machado – Região oeste

A EMEF Pinheiro Machado (Figura 4) se encontra na avenida Brasil, s/n, bairro Pinheiro Machado, município de Santa Maria – RS. No período da manhã e tarde são atendidas turmas do pré A até o 9º ano, e à noite a turma do EJA. São 48 professores que trabalham para 552 alunos, sendo essa a maior escola em relação às outras três escolhidas, devido ao seu maior número de alunos.



Figura 4: Fachada da EMEF Pinheiro Machado. Fonte: WELTER, I. A. (2017)

4.2.1.4 EMEF Dom Luiz Victor Sartori – Região central

A EMEF Dom Luiz Victor Sartori (Figura 5) se localiza na rua Tamanday, nº 325, bairro Nonoai, município de Santa Maria – RS. Possui 449 alunos atendendo do maternal ao 9º ano de manhã e a tarde, já à noite estudam alunos do EJA. É a segunda maior escola em comparação às outras três que participaram do trabalho.



Figura 5: Fachada da EMEF Dom Luiz Victor Sartori. Fonte: WELTER, I. A. (2017)

4.2.2 Os sujeitos da pesquisa

Como mencionado anteriormente, os alunos que participaram do trabalho estudam no 6º ano do ensino fundamental de escolas municipais da cidade de Santa Maria – RS. Portanto, a faixa etária das crianças é em média, entre 11 e 12 anos de idade.

Com relação ao número total de alunos que participaram das atividades, têm-se os seguintes dados: 80 crianças elaboraram os mapas mentais; e 84 alunos contribuíram respondendo ao questionário.

A seguir, serão apresentadas as datas da realização das atividades dos mapas mentais e dos questionários, bem como uma imagem representativa de cada dia, além do número de alunos por escola que participou de etapa, identificando quantos eram de cada sexo. Nesse sentido, pode-se observar que

em todas as escolas o número de meninos foi maior que a quantidade de meninas em cada turma.

4.2.2.1 EMEF Maria de Lourdes Bandeira Medina - Região norte

➤ Mapas Mentais: atividade realizada no dia 24/04/17 (Figura 6), com 20 alunos participando, sendo 12 meninos e 8 meninas.



Figura 6: Atividade de mapas mentais na EMEF Maria de Lourdes Bandeira Medina. Fonte: WELTER, I. A. (2017)

➤ Questionários: parte prática desenvolvida no dia 09/06/17 (Figura 7), com colaboração de 17 alunos, destes 11 eram meninos e 6 eram meninas.



Figura 7: Atividade de questionários na EMEF Maria de Lourdes Bandeira Medina. Fonte: WELTER, I. A. (2017)

4.2.2.2 EMEF Vicente Farencena - Região leste

➤ Mapas Mentais: a atividade ocorreu no dia 18/10/17 (Figura 8), com a participação de 21 alunos, sendo 12 meninos e 9 meninas.



Figura 8: Atividade de mapas mentais na EMEF Vicente Farencena. Fonte: WELTER, I. A. (2017)

➤ Questionários: a atividade foi realizada no dia 08/11/17 (Figura 9), com a colaboração de 20 alunos, dos quais o número de meninos foi 12 e de meninas 8.



Figura 9: Atividade de questionários na EMEF Vicente Farenzena. Fonte: WELTER, I. A. (2017)

4.2.2.3 EMEF Pinheiro Machado - Região oeste

➤ Mapas Mentais: trabalho desenvolvido no dia 19/04/17 (Figura 10), com a ajuda de 16 alunos, destes 9 eram meninos e 7 eram meninas.



Figura 10: Atividade de mapas mentais na EMEF Pinheiro Machado. Fonte: WELTER, I. A. (2017)

➤ Questionários: atividade realizada no dia 24/05/17 (Figura 11), com a presença de 21 alunos, dos quais 11 eram meninos e 10 eram meninas.



Figura 11: Atividade de questionários na EMEF Pinheiro Machado. Fonte: WELTER, I. A. (2017)

4.2.2.4 EMEF Dom Luiz Victor Sartori - Região central

➤ Mapas Mentais: o trabalho prático ocorreu no dia 12/05/17 (Figura 12), com a colaboração de 23 alunos, sendo 13 meninos e 9 meninas. Um mapa não estava identificado.



Figura 12: Atividade de mapas mentais na EMEF Dom Luiz Victor Sartori. Fonte: WELTER, I. A. (2017)

➤ Questionários: atividade realizada no dia 19/05/17 (Figura 13), no total 26 alunos participaram, destes 16 eram meninos e 10 eram meninas.



Figura 13: Atividade de questionários na EMEF Dom Luiz Victor Sartori. Fonte: WELTER, I. A. (2017)

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo são realizadas análises e discussões dos mapas mentais e questionários obtidos através do trabalho prático nas escolas. O capítulo é dividido em quatro partes para maior clareza da exposição.

A primeira parte do capítulo dar-se-á com ênfase nos dados estatísticos obtidos através dos mapas mentais onde serão levados em consideração o total de mapas obtidos. Na segunda parte será apresentada uma análise do conteúdo dos mapas mentais sob o ponto de vista da geografia humanista, a qual é realizada em dois mapas representando cada escola. A escolha dos trabalhos se deu por aqueles que eram mais completos ou representativos tendo em vista os objetivos da pesquisa, e o fato de que o conteúdo de boa parte dos mapas é similar, de modo que a replicação das interpretações tornaria o trabalho redundante.

A terceira etapa das discussões do trabalho será sobre as respostas obtidas nos questionários. Por fim, a última parte consiste em uma discussão geral dos resultados, considerando todos os dados obtidos. Esta análise final tem por objetivo conduzir às conclusões do trabalho.

5.1 ANÁLISE ESTATÍSTICA DOS MAPAS MENTAIS

Uma vez que a quantidade de alunos em que o trabalho foi aplicado em cada escola é diferente, os gráficos de estatística a seguir apresentados consideram o total de alunos de cada instituição de ensino. Para os gráficos com a média geral, entretanto, considera-se o total de alunos pesquisados (80) como o universo de alunos.

A seguir serão apresentados os resultados referentes aos tipos de representação dos mapas mentais.

A Figura 14 mostra a média dos percentuais de cada tipo de representação para todas as escolas. Assim, verifica-se que a maioria dos alunos desenhou mapas mentais através de representações isoladas (64%), seguidas das horizontais (16%), em perspectiva (11%), em quadras (5%) e representação dispersa (4%). Nenhum mapa foi apresentado em formato circular.

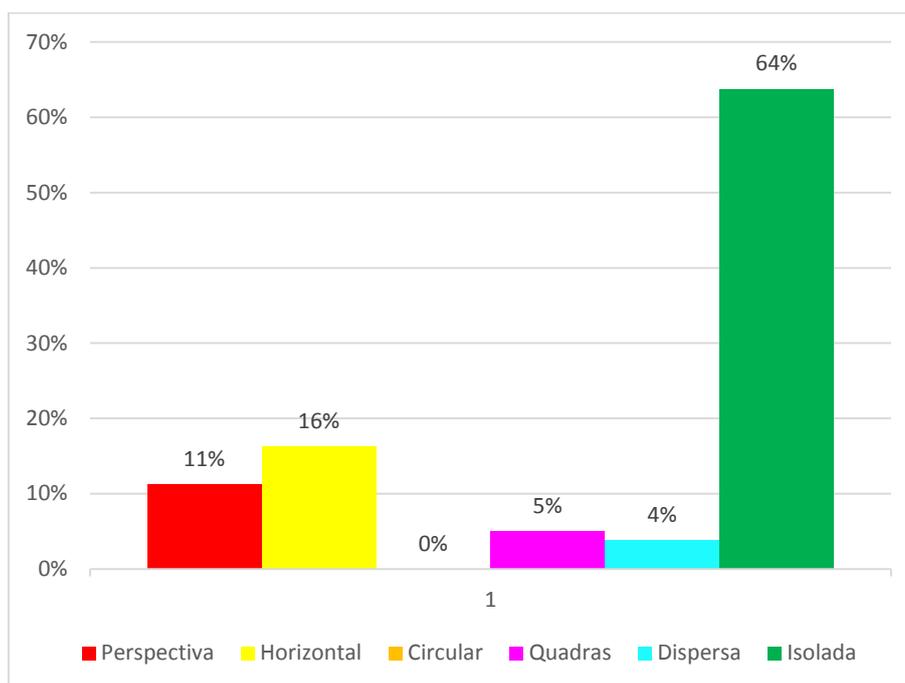


Figura 14: Percentuais dos tipos de representação dos mapas mentais em todas as escolas.
 Fonte: WELTER, I. A. (2017)

Analisando individualmente cada escola têm-se os gráficos representados nas figuras de número 15, 16, 17 e 18.

A Figura 15 apresenta os tipos de representação adotados pelos alunos da EMEF Bandeira Medina localizada na região norte. Assim como nas demais escolas, a representação isolada foi a mais frequente (50%), seguida das representações horizontal (25%), perspectiva (20%) e quadras (5%).

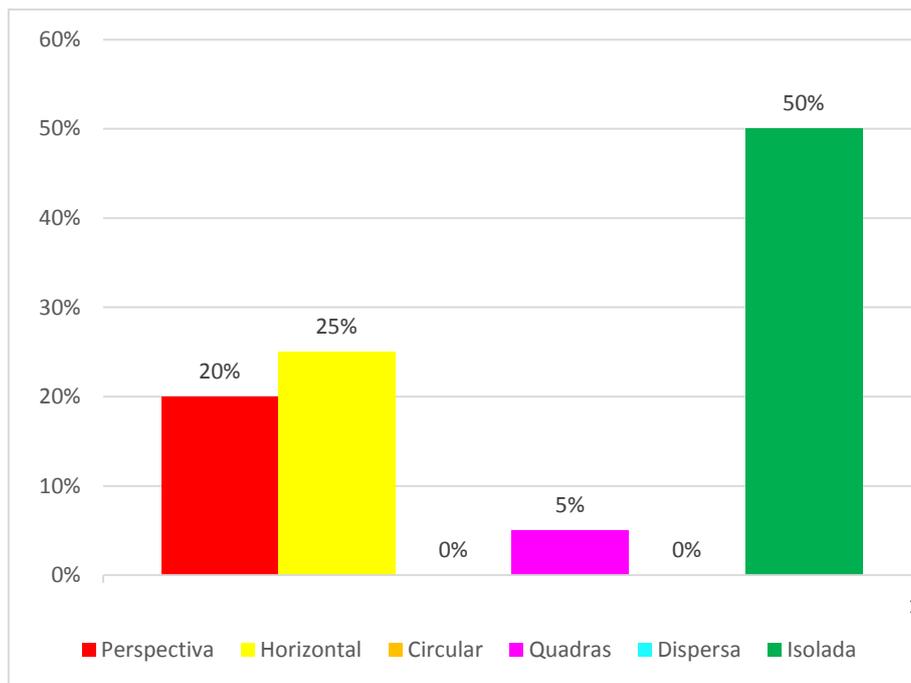


Figura 15: Percentuais dos tipos de representação dos mapas mentais da EMEF Bandeira Medina. Fonte: WELTER, I. A. (2017)

A Figura 16 apresenta os tipos de representação adotados pelos alunos da escola Vicente Farenzena na região leste. Nesta escola prevaleceu a representação isolada (86%), correspondendo a quase totalidade dos mapas mentais. A representação horizontal obteve total de 10% e a representação em quadras manteve 5%, também observados na EMEF Bandeira Medina.

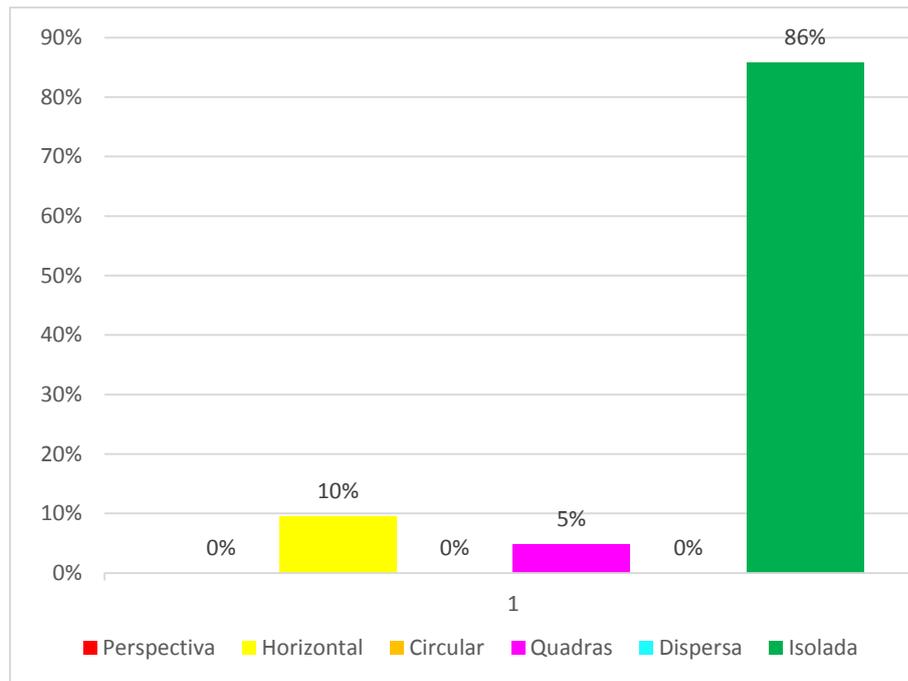


Figura 16: Percentuais dos tipos de representação dos mapas mentais da EMEF Vicente Farenzena. Fonte: WELTER, I. A. (2017)

A Figura 17 apresenta os tipos de representação adotados pelos alunos da escola Pinheiro Machado situada na parte oeste da cidade. Nesta escola houve maior variedade de representações. As representações isoladas permaneceram sendo as mais frequentes (50%), seguidas das representações em perspectiva (19%), horizontal e quadras (13%) e dispersa (6%).

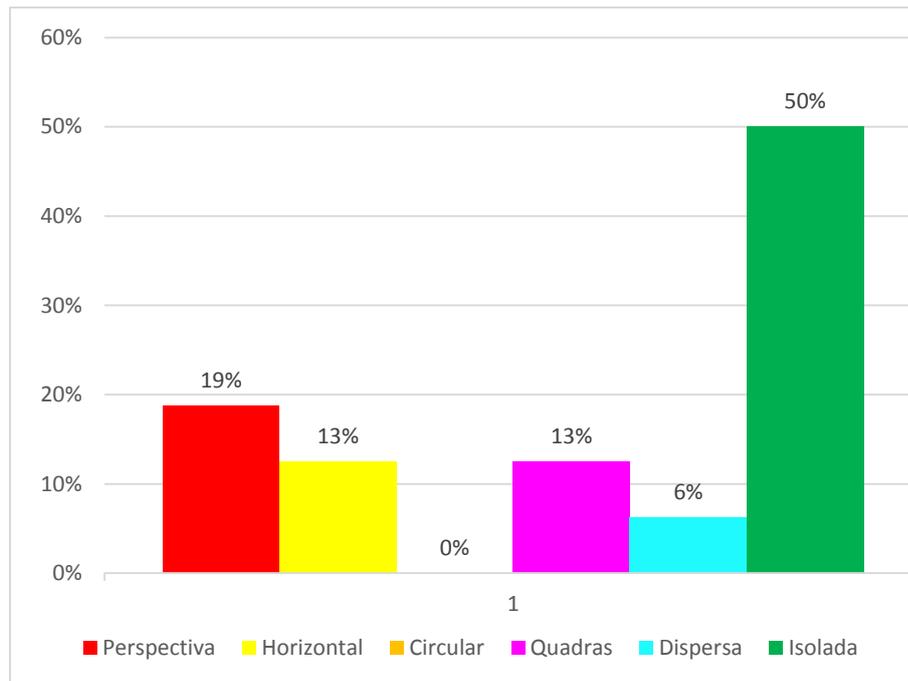


Figura 17: Percentuais dos tipos de representação dos mapas mentais da EMEF Pinheiro Machado. Fonte: WELTER, I. A. (2017)

A Figura 18 apresenta os tipos de representação adotados pelos alunos da escola Dom Luiz Victor Sartori localizada na parte central do município. Nesta escola, predomina também a representação isolada (65%), seguida da representação horizontal (17%), perspectiva e dispersa com 9% cada.

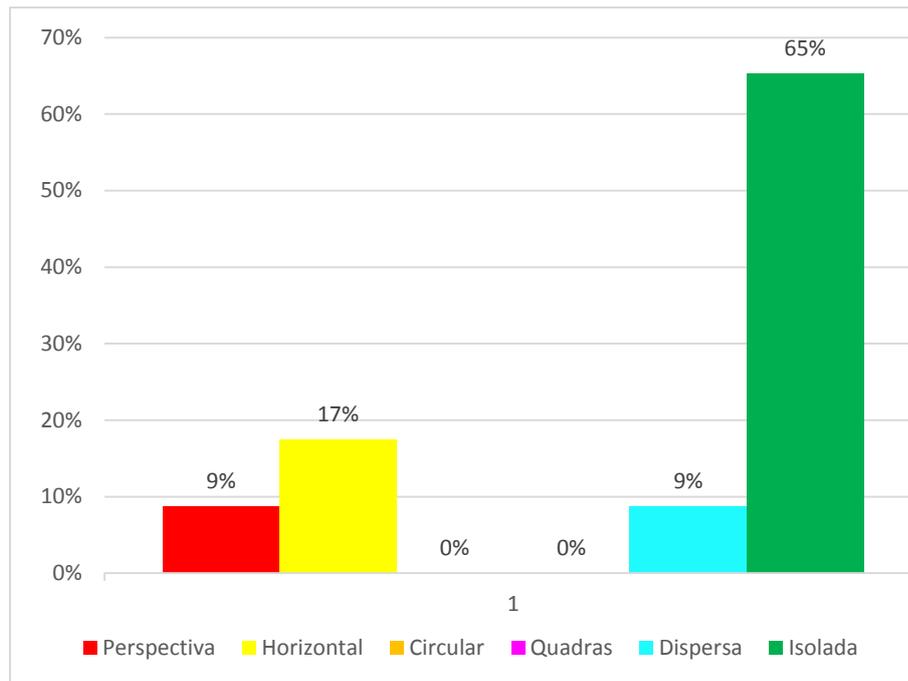


Figura 18: Percentuais dos tipos de representação dos mapas mentais da EMEF Dom Luiz Victor Sartori. Fonte: WELTER, I. A. (2017)

Conforme evidenciado pelos gráficos, a representação da forma isolada foi a principal adotada pelos alunos. Esta representação tem foco principal na casa onde o aluno reside e na vizinhança mais próxima, por vezes pouco representada. Os mapas mentais com representações em quadras e horizontais, por outro lado, representam maior quantidade de elementos no entorno da casa, como outras ruas, edificações e veículos, e permitem ter uma visão mais ampla da região ou mesmo bairro. As representações dispersas não apresentam elementos de ligação, tais como ruas ou calçadas, e sim pontos de referência mais relevantes na visão do aluno.

Na sequência serão apresentados os resultados com relação aos tipos de ícones representados pelos alunos nos mapas mentais.

A Figura 19 apresenta a média dos tipos de ícones representados pelos mapas mentais de todas as escolas pesquisadas. Em 100% dos desenhos houveram algum elemento de paisagem construída, em 74% representaram a paisagem natural, 28% representação de elementos textuais, 13% humanos/animais e apenas 6% continham elementos móveis.

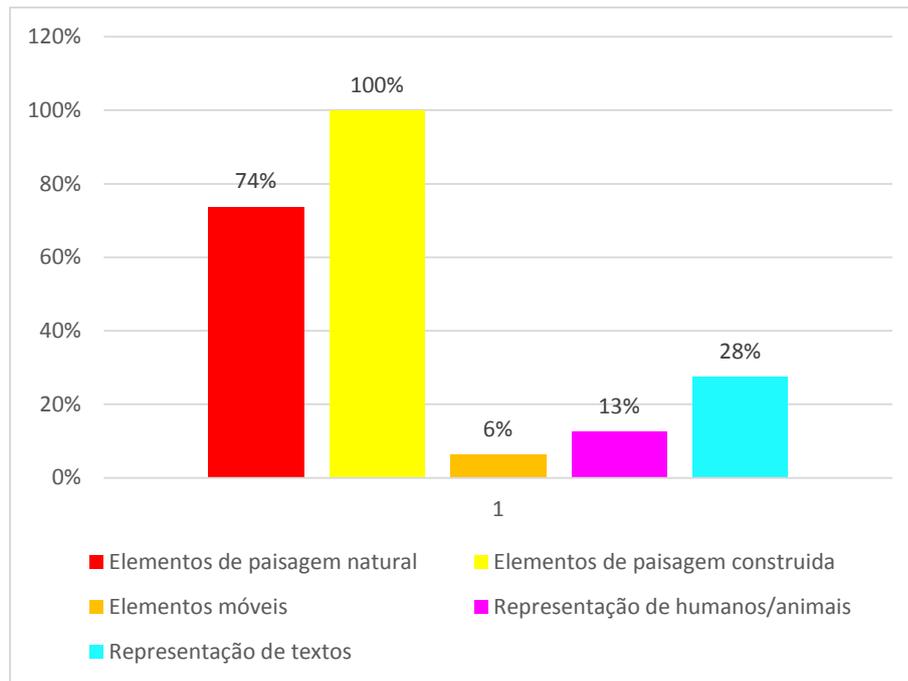


Figura 19: Percentuais dos tipos de ícones representados nos mapas mentais em todas as escolas. Fonte: WELTER, I. A. (2017)

A Figura 20 apresenta os tipos de ícones representados pelos mapas mentais dos alunos da escola Bandeira Medina. Conforme evidenciado no gráfico anterior, em 100% dos mapas mentais houve representação de paisagem construída. Para a escola Bandeira Medina, a representação de paisagem natural alcançou 70%, seguida de textos (30%), elementos móveis (10%) e humanos e animais (5%).

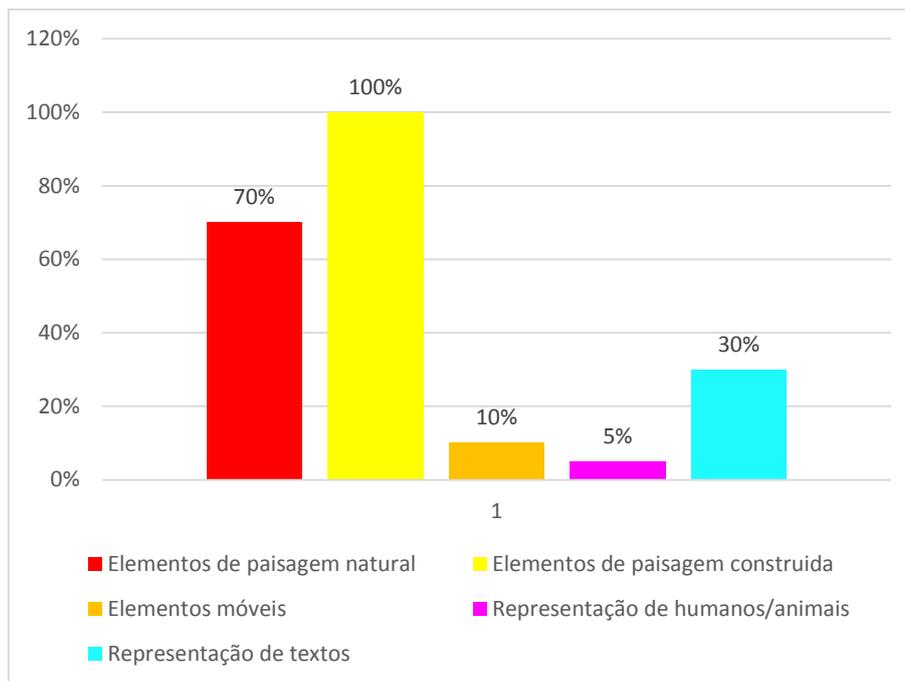


Figura 20: Percentuais dos tipos de ícones representados nos mapas mentais da EMEF Bandeira Medina. Fonte: WELTER, I. A. (2017)

A Figura 21 apresenta os tipos de ícones representados pelos alunos da escola Vicente Farenzena, em Camobi. Verifica-se proximidade entre os resultados desta escola e os da EMEF Bandeira Medina. A paisagem construída obteve 100%, seguida da paisagem natural (71%), elementos móveis com o mesmo percentual de 10% e elementos de texto (14%). Não houve representação de humanos ou animais.

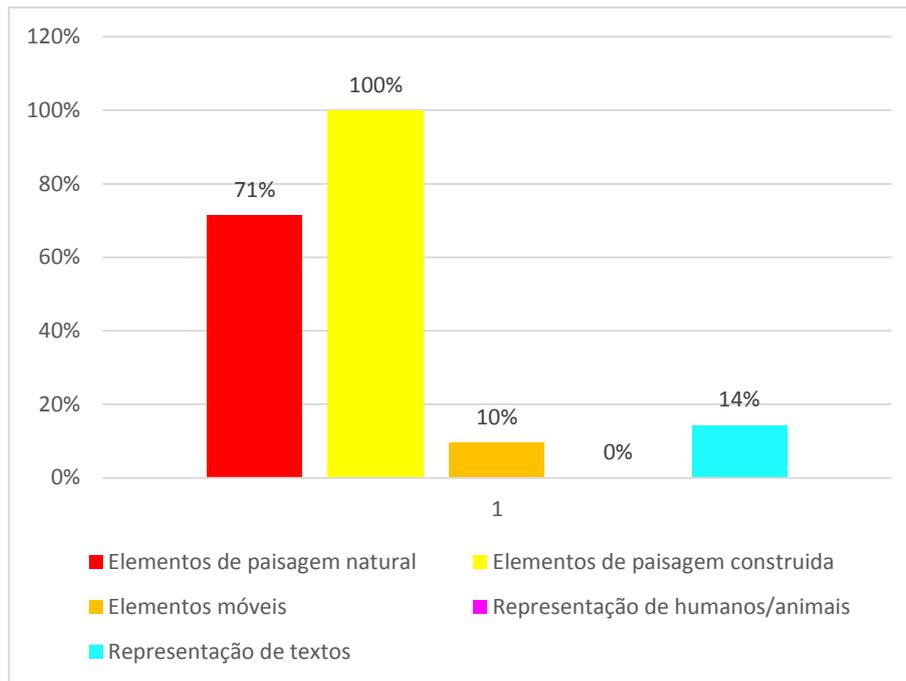


Figura 21: Percentuais dos tipos de ícones representados nos mapas mentais da EMEF Vicente Farenzena. Fonte: WELTER, I. A. (2017)

A Figura 22 apresenta os tipos de ícones adotados pelos alunos da escola Pinheiro Machado localizada na região oeste. Nesta escola houve maior quantidade de representações de ícones, onde praticamente todos os mapas possuem, além da representação de paisagem construída em 100% dos desenhos, também a representação da paisagem natural que alcançou 94%, seguida de textos (50%), representação de humanos e animais (19%) e elementos móveis atingiu 6%.

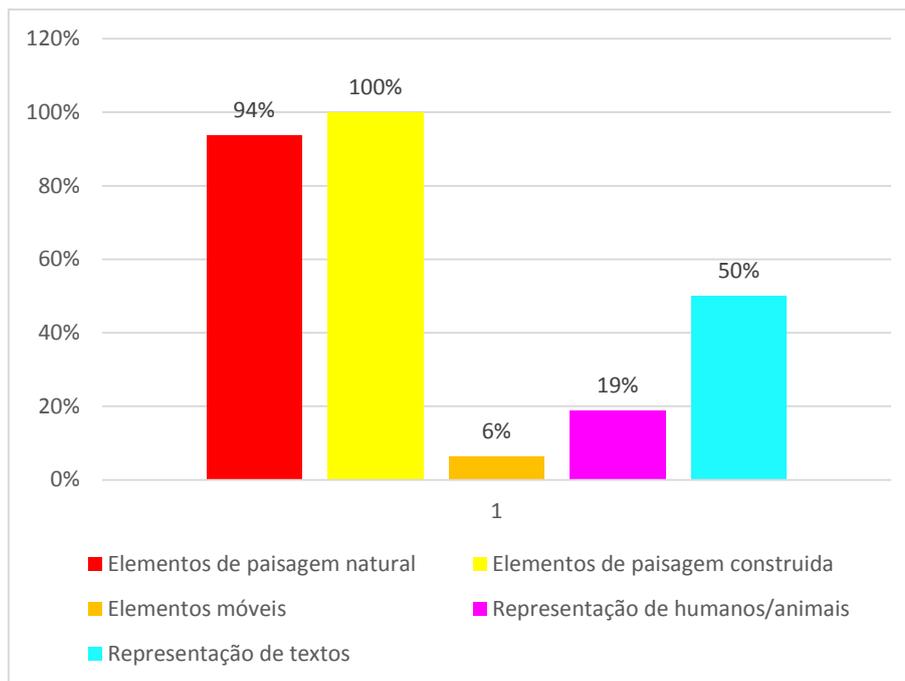


Figura 22: Percentuais dos tipos de ícones representados nos mapas mentais da EMEF Pinheiro Machado. Fonte: WELTER, I. A. (2017)

A Figura 23 apresenta os ícones adotados pelos alunos da escola Dom Luiz Victor Sartori, região central. Nesta escola, além da paisagem construída constar em 100% dos mapas, houve 65% de representação da paisagem natural, seguida de 26% de humanos e animais, sendo este percentual o mais elevado para o item dentro do conjunto de escolas pesquisadas. A representação de textos alcançou 22% e elementos móveis não foram representados.

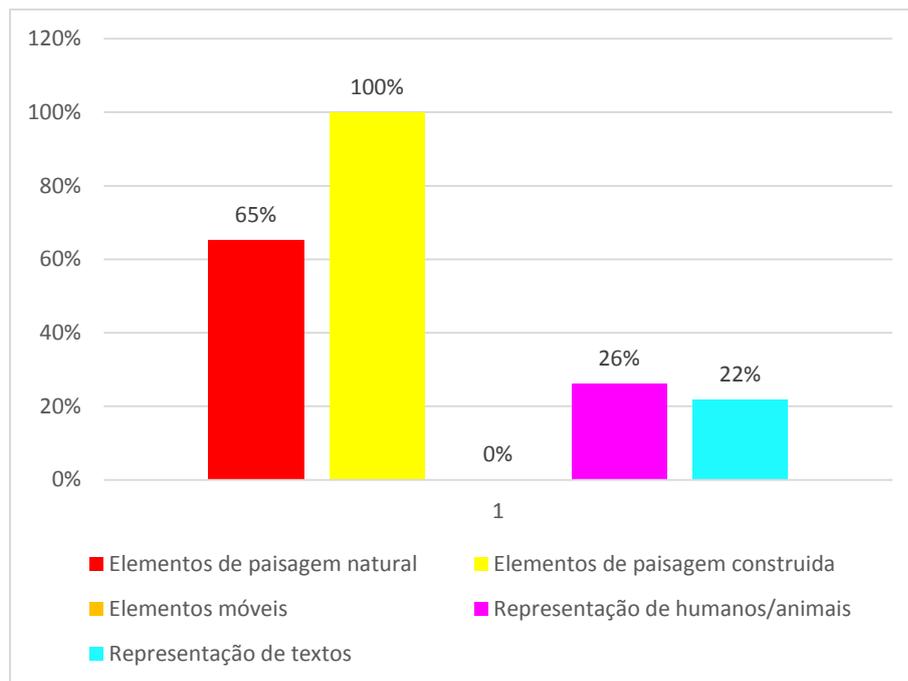


Figura 23: Percentuais dos tipos de ícones representados nos mapas mentais da EMEF Dom Luiz Victor Sartori. Fonte: WELTER, I. A. (2017)

Observa-se que dentre os ícones representados pelos alunos verifica-se em todas as escolas similaridade dos percentuais de representação da paisagem construída e da paisagem natural, sendo estes os elementos mais frequentemente apresentados. A paisagem construída foi a única que esteve presente em 100% os mapas mentais, principalmente através da representação da casa (ou prédio) como principal elemento. Este é um resultado esperado, uma vez que a temática do trabalho proposto é o local onde vivem os alunos.

Elementos naturais, apesar de não estarem representados na totalidade dos mapas mentais, foram bastante frequentes, estando presentes em 74% do total de mapas. Nesse sentido, sua representação quase sempre se dá através de árvores, elementos como grama ou simplesmente a cor verde.

Nos mapas mentais elaborados pelos alunos da escola Pinheiro Machado, existe o maior índice de representação de paisagem natural (94%), contra 71%, 70% e 65% respectivamente das escolas Vicente Farenzena, Bandeira Medina e Dom Luiz. Acredita-se que esta diferença possa refletir forte percepção da arborização existente nas imediações do bairro Pinheiro Machado, que é predominantemente residencial, com ruas bastante arborizadas, inclusive na região da escola.

Seguida da representação de elementos naturais, é a representação de textos a mais frequente, estando presente em 28% dos mapas mentais. A representação de texto é um dos principais elementos que ajuda na interpretação de um mapa, pois o texto indica pontos de referência, como prédios ou lugares próximos ao local onde moram os alunos. São pontos de referência como “mercado”, “farmácia”, entre outros, que ajudam na formação da imagem que as crianças têm do lugar onde moram. Este mesmo resultado é verificado também nas respostas dos questionários.

A representação de elementos humanos e animais foi de apenas 13% no total de mapas mentais, seguida da representação de veículos com 6%.

5.2 ANÁLISE DOS MAPAS MENTAIS – GEOGRAFIA HUMANISTA

Neste sub-capítulo é apresentada a análise, sob o ponto da geografia humanista, de dois mapas mentais por escola. Foram adotados dois critérios para a seleção dos mapas mentais: o primeiro critério de escolha foi o de selecionar os mapas mentais que apresentassem não somente a casa do aluno, mas também a rua, ou o bairro em que mora, com o objetivo que o maior número de elementos do entorno da experiência do aluno pudessem ser captados; o segundo critério foi escolher mapas que possuíssem o maior número e variedade de ícones representados.

Dessa forma, na sequência serão apresentados os dois mapas mentais selecionados de cada escola em estudo:

5.2.1 Mapas mentais da EMEF Bandeira Medina – Região norte

5.2.1.1 *Análise do mapa mental 01*



Figura 24: Mapa mental 01 – EMEF Maria de Lourdes Bandeira Medina. Fonte: Trabalho de campo, 2017

O mapa mental 01 foi elaborado por uma menina e traz a representação de todos os ícones conforme Kozel, apresentando uma visão positiva do lugar onde mora. Destaque fica para o “Bom dia” preso no avião, para chamar a atenção de quem quer que passe pelo desenho (dentro ou fora dele). A casa do desenho não tem a representação de texto “casa”, e sim “família”, indicando que ela não se trata apenas de uma edificação, e sim um de núcleo familiar, tornado explícito que a “família” poderia ser também um sinônimo de “casa”. Ainda, a aluna parece se retratar dentro de sua casa, mesmo que outros familiares ali não apareçam. De forma semelhante ao primeiro mapa mental da EMEF Pinheiro Machado, há também a representação da rua com largas faixas amarelas. As calçadas não são representadas, assim como possíveis problemas ambientais, de modo que o desenho mostra uma possível relação de topofilia da criança para o lugar.

5.2.1.2 Análise do mapa mental 02



Figura 25: Mapa mental 02 – EMEF Maria de Lourdes Bandeira Medina. Fonte: Trabalho de campo, 2017

O mapa mental 02 mostra uma representação horizontal de um aluno da escola onde há um forte contraste em relação ao primeiro mapa anteriormente analisado. Inicialmente, verifica-se que não há representação de qualquer elemento da natureza, e o elemento construído é o que se sobressai. Existe a indicação de texto da “Minha casa” – necessária - visto que as casas podem ser consideradas iguais, em um local bastante habitado, similar a um condomínio de casas.

Não há, entretanto, a representação de pessoas ou veículos, bem como pontos de referência, tais como supermercado, farmácia, entre outros, o que traz uma dificuldade adicional para a formação da imagem do lugar. Ao contrário dos outros demais desenhos até então analisados, este não retrata elementos que tornem o ambiente mais vivo, seja a presença do sol, de árvores ou pássaros, e não se poderia afirmar, como nos outros desenhos que o autor tenha uma visão idealizada do lugar, pelo contrário, há no desenho certa monotonia, seja pela igualdade entre as casas, ou mesmo a falta de cores. Apesar destas considerações, problemas ambientais também não são expressos, exceto pela própria falta da natureza, assim como as calçadas ou linhas de marcação nas ruas.

5.2.2 Mapas mentais da EMEF Vicente Farenzena – Região leste

5.2.2.1 Mapa mental 01



Figura 26: Mapa mental 01 – EMEF Vicente Farenzena. Fonte: Trabalho de campo, 2017

A Figura 26 trata-se de um mapa mental que representa não somente a vizinhança da casa, mas também a escola – próxima à casa do aluno, indicando que o aluno possui mapa mental do caminho até a escola. O mapa mostra as ruas, casas e pequenos prédios, referenciando a residência e a escola através de textos. As cores das ruas remetem ao asfalto e as ruas de chão batido, que são uma realidade do bairro. Trata-se de uma representação fiel das condições de infraestrutura, onde as ruas secundárias geralmente não possuem pavimentação na região da escola. A presença da natureza é vista através das

árvores próximas à escola e a casa. As calçadas não são representadas, e não há problemas ambientais em evidência.

5.2.2.2 *Mapa mental 02*



Figura 27: Mapa mental 02 – EMEF Vicente Farenzena. Fonte: Trabalho de campo, 2017

O mapa mental, apresentado na Figura 27, é uma representação horizontal do prédio, centralizado, onde provavelmente mora o aluno. Similar a outros mapas apresentados, há clara representação da rua asfaltada, através das linhas amarelas. Não, existem, por outro lado, a representação calçadas, carros ou pessoas, tornando a paisagem monótona. Duas árvores trazem simetria ao desenho, reforçando esta ideia. Não há a representação do Sol, típica dos desenhos “topofílicos”.

5.2.3 Mapas mentais da EMEF Pinheiro Machado – Região oeste

5.2.3.1 Mapa mental 01



Figura 28: Mapa mental 01 – EMEF Pinheiro Machado. Fonte: Trabalho de campo, 2017

O mapa mental apresentado trata-se de uma representação clássica da casa, do lar feliz: a casa com árvore frutífera ao lado, flores, com sol e pássaros. Pode ser considerada uma representação idealizada, entretanto, indica que a visão da criança sobre sua casa é positiva e feliz, indicando uma relação de topofilia da criança para a imagem do lugar. Destaque também para a faixa descontínua, indicando que o local é asfaltado, entretanto, nenhum elemento móvel ou humano é representado. Problemas ambientais não são representados, assim como não é representada a calçada.

5.2.3.2 Mapa mental 02



Figura 29: Mapa mental 02 – EMEF Pinheiro Machado. Fonte: Trabalho de campo, 2017

A Figura 29 mostra uma representação dispersa de mapa mental, não há ruas conectando as casas e outros lugares, entretanto, a região em verde dá uma ideia de proximidade entre as construções e da presença da natureza. Os textos ajudam a identificar as edificações e suas posições relativas, da casa do aluno para com a casa da vó, da tia, e o supermercado próximo, que é o um ponto de referência. São limites afetivos e pontos de referência sob os quais é formada a imagem do lugar onde mora, ainda que sem muita precisão. Problemas ambientais não são representados.

5.2.4 Mapas mentais da EMEF Dom Luiz Victor Sartori – Região central

5.2.4.1 Mapa mental 01



Figura 30: Mapa mental 01 – EMEF Dom Luiz Victor Sartori. Fonte: Trabalho de campo, 2017

Trata-se de um mapa mental em representação horizontal que evidencia uma representação predominantemente de paisagem construída do meio urbano, mas ainda assim com seus contrastes: de um lado, o prédio, de outro, casas pequenas e alguns traços da natureza. Os muros entre as edificações, pixados, reforçam a ideia do ambiente urbano, enquanto as casas, árvores e pássaros trazem um contexto que se aproxima mais dos mapas mentais anteriormente apresentados. Trata-se de uma paisagem frequente em Santa Maria, que possui maior densidade de prédios apenas no centro da cidade, enquanto nos bairros predominam casas com alguns prédios baixos. Problemas ambientais não são evidenciados, e não há a representação de calçadas, pessoas ou elementos móveis.

5.2.4.2 Mapa mental 02



Figura 31: Mapa mental 02 – EMEF Dom Luiz Victor Sartori. Fonte: Trabalho de campo, 2017

O mapa mental da acima representa também um ambiente plenamente urbano, com casas e prédios baixos bastante próximos, não apresentando traços claros da presença da natureza. Os muros entre as edificações, bem como as calçadas diferentes, reforçam a ideia do ambiente urbano, mostrando sua desorganização e falta de padrão, típica das calçadas de Santa Maria. Elementos humanos não são representados, assim como textos ou outras referências, que impossibilitam identificar locais próximos ao representado.

5.3 ANÁLISE DAS RESPOSTAS OBTIDAS NOS QUESTIONÁRIOS

Um questionário, anexo ao trabalho através do Apêndice A, foi aplicado aos alunos, com o objetivo de maximizar nossa interpretação dos mapas mentais, bem como extrair informações que não são facilmente perceptíveis através dos mapas. Os principais resultados estão reunidos nos gráficos a seguir. Estes gráficos trazem a informação do total de alunos pesquisados, e o percentual de cada resposta obtida pelo total de respostas obtidas.

A Figura 32 apresenta gráfico que informa os bairros nos quais vivem os alunos que participaram dos questionários. Verifica-se que pouco mais da metade dos alunos reside nos bairros Camobi (região leste) e Pinheiro Machado (região oeste), enquanto a outra metade divide-se em pelo menos seis bairros, localizados em diversas regiões da cidade.

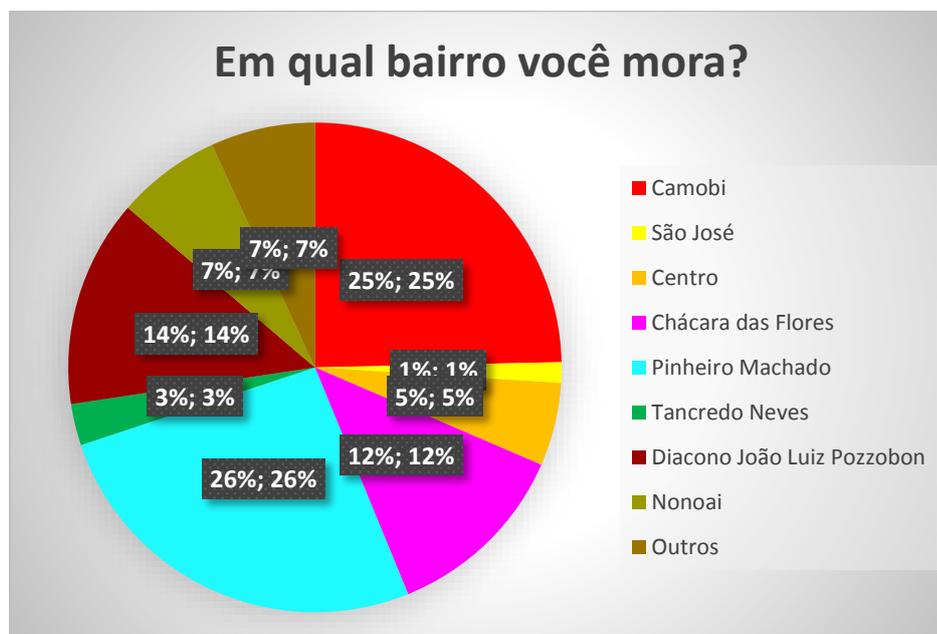


Figura 32: Respostas da questão: “Em qual bairro você mora?”. Fonte: WELTER, I. A. (2017)

A Figura 33 apresenta o resultado da questão “Diga um ponto de referência no bairro onde fica sua casa”. Verifica-se que mais da metade dos alunos faz referências para pontos do comércio local, tais como padarias, supermercados, ou lojas. A resposta “Outros”, representa diversos locais que não apresentam similaridades ou que foram respondidos apenas uma vez, tais como “caixa d’ água da Corsan”, “campo de futebol”, entre outros.

Diga um ponto de referência no bairro onde fica sua casa

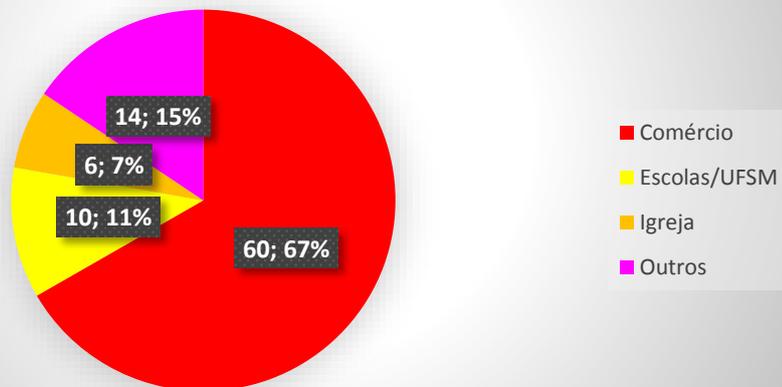


Figura 33: Respostas da questão: “Diga um ponto de referência no bairro onde fica sua casa”.
Fonte: WELTER, I. A. (2017)

A Figura 34 apresenta os resultados da questão “O que você gosta de fazer no lugar onde mora”. A resposta mais repetida é a prática esportiva, seja de futebol, ciclismo, caminhadas, entre outros. Em segundo lugar, os “Amigos”, indicam práticas de recreação, como passeios.

O que você gosta de fazer no lugar onde mora?

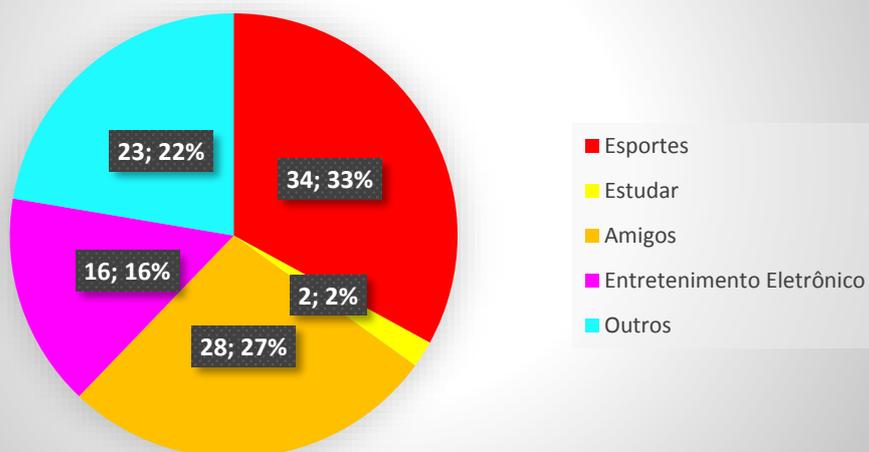


Figura 34: Respostas do questão: “O que você gosta de fazer no lugar onde mora”. Fonte: WELTER, I. A. (2017)

A Figura 35 mostra os resultados para a questão “O que você não gosta no lugar onde mora”. Verifica-se que a resposta com maior índice de respostas são problemas relacionados com o meio ambiente (36%). Neste caso, tratam-se de problemas nas vias urbanas, como buracos nas ruas, problemas de saneamento básico, lixo, entre outros. Em segundo lugar, a vizinhança é o problema mais representativo. Este problema está atrelado às dificuldades de convivência, principalmente relacionado à poluição sonora e privacidade.

Respostas relacionando a segurança pública foram percentualmente as menos lembradas, ficando atrás inclusive da resposta “gosto de tudo/não sabe”.

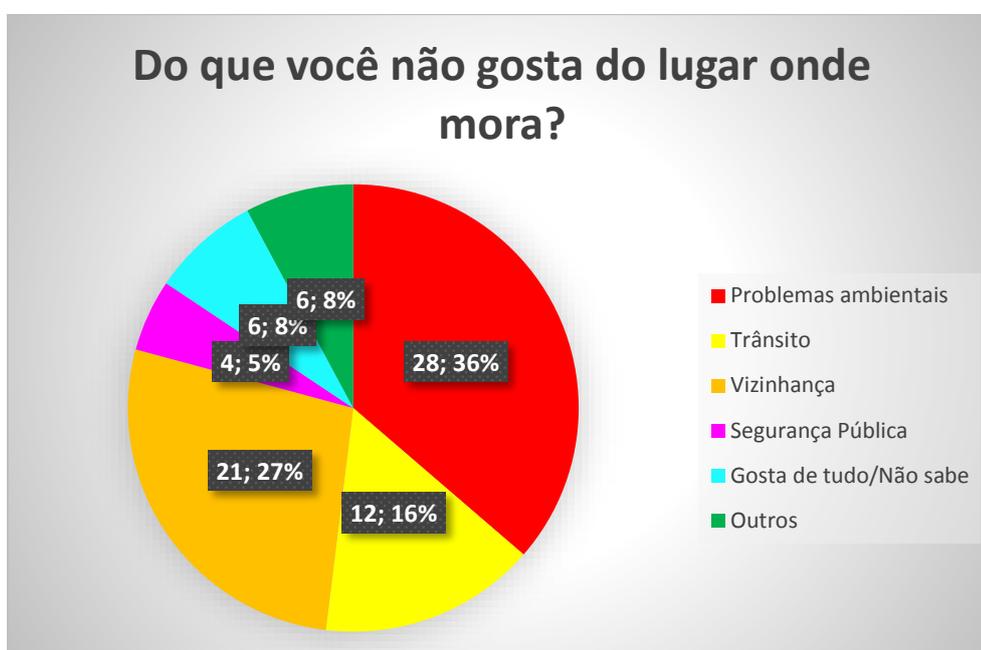


Figura 35: Respostas da questão: “Do que você não gosta no lugar onde mora?”. Fonte: WELTER, I. A. (2017)

A Figura 36 apresenta a resposta para a questão “Você conhece seus vizinhos?” a respostas revelam que a metade dos alunos (51%) conhece os seus vizinhos, mas não necessariamente possui amizade com eles, haja vista que apenas 29% responderam possuir amigos na vizinhança. Os outros 20% possuem poucos amigos ou consideram não possuir amigos (7%).



Figura 36: Respostas da questão: “Você conhece seus vizinhos? Tem amizade com eles e/ou com outras pessoas do bairro?”. Fonte: WELTER, I. A. (2017)

A Figura 37 apresenta o gráfico para questão “Há familiares morando perto de sua casa?”. Os resultados indicam que mais da metade dos alunos possui familiares que moram perto da casa, indicando proximidade de familiares, - além dos pais, no mesmo bairro ou rua.

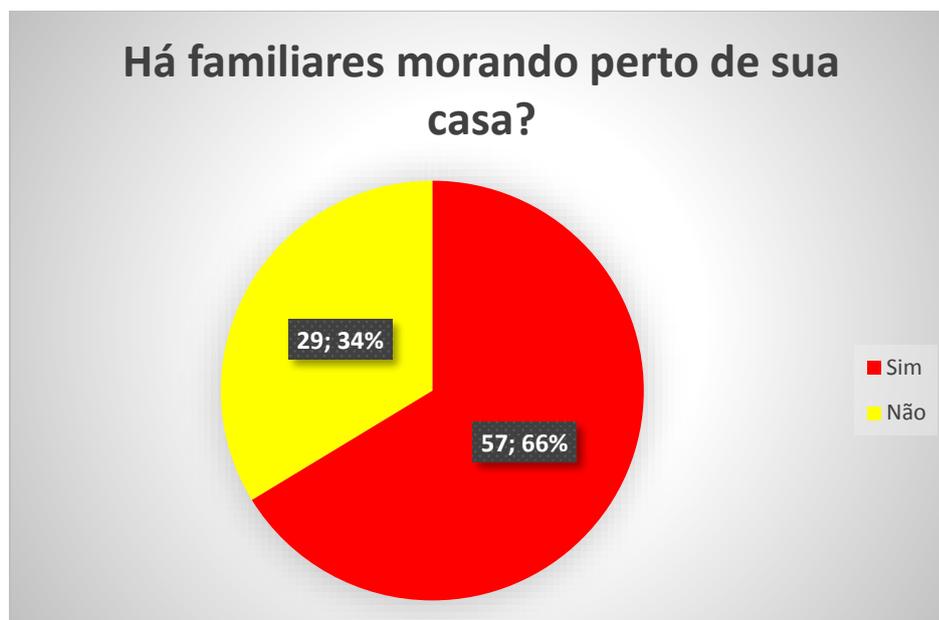


Figura 37: Respostas da questão: “Você se sente seguro no seu bairro?”. Fonte: WELTER, I. A. (2017)

A Figura 38 apresenta os resultados da questão “Você se sente seguro no seu bairro?”. A maioria dos alunos (53%) respondeu que se sente seguro em seu bairro, ainda que em bairros de diferentes regiões de Santa Maria. 16,20% relataram como “regular”, enquanto apenas 11,14% afirmam não se sentirem seguros.

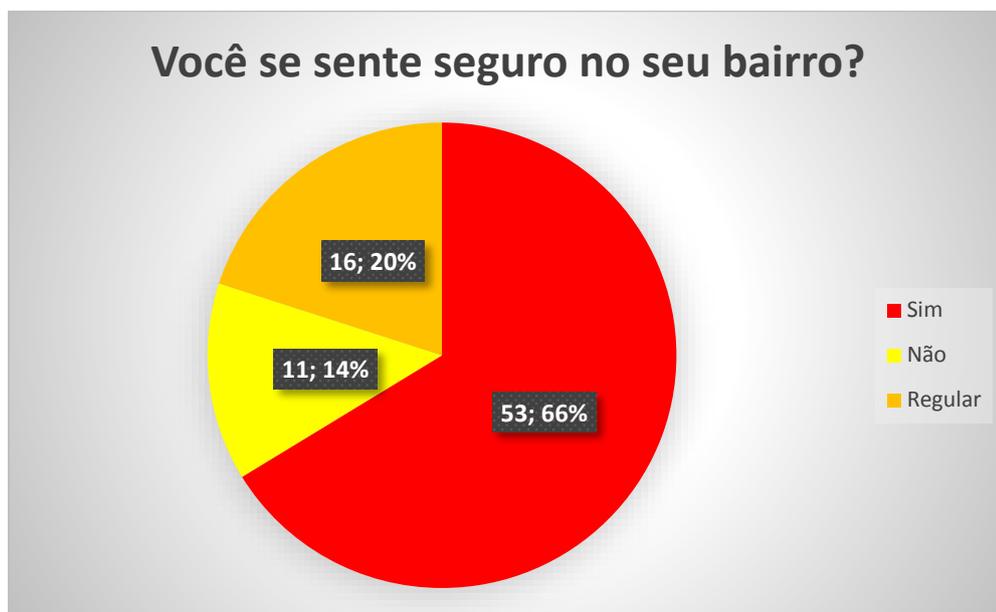


Figura 38: Respostas da questão: “Você se sente seguro no seu bairro?”. Fonte: WELTER, I. A. (2017)

A questão “Qual é o maior problema no lugar onde você mora?”, cujos resultados são apresentados na Figura 39, teve por objetivo obter a opinião dos alunos sobre problemas que eles identificam em seus bairros como sendo os mais relevantes. A questão indicou que os problemas ambientais, tais como lixo, poluição sonora, saneamento básico e conservação das ruas é o mais lembrado entre os alunos, seguido da problemas com a vizinhança e segurança pública. Este resultado se aproxima ao obtido no gráfico 35, na questão “O que você não gosta em seu bairro”. Naquela questão, entretanto, o trânsito aparecia em segundo lugar, e agora aparece em terceiro.

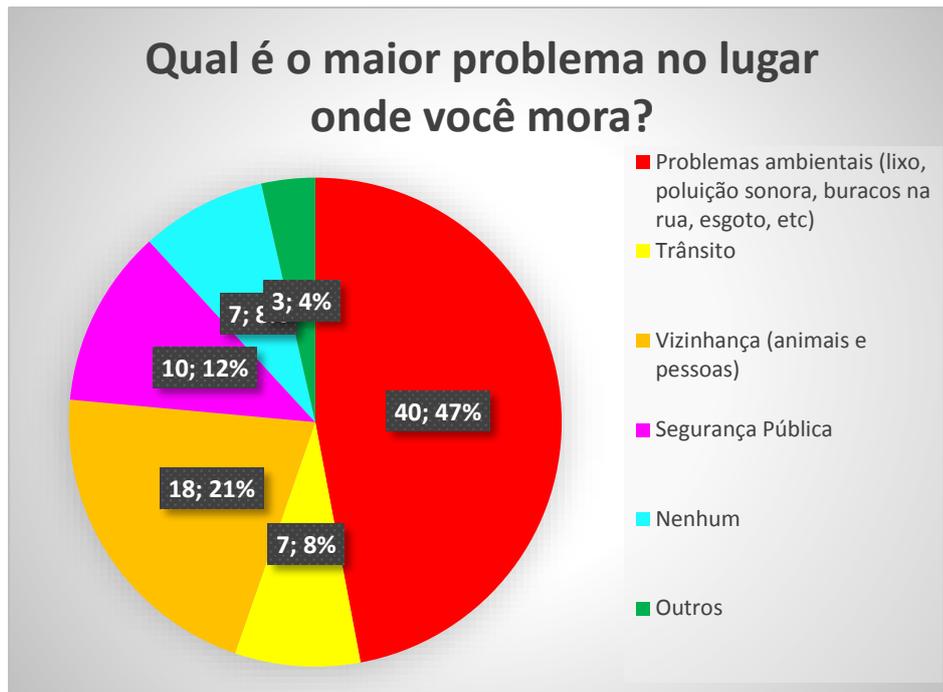


Figura 39: Respostas da questão: “Qual é o maior problema no lugar onde você mora?”. Fonte: WELTER, I. A. (2017)

5.4 ANÁLISE GERAL DOS RESULTADOS

A partir dos mapas mentais obtidos, verificou-se na prática a relevância da experiência vivida, pois os mapas mentais – apesar de guardarem similaridades – apresentaram também representações diversas, que são diferentes pontos de vista dos mesmos bairros ou locais próximos. Esse resultado vem ao encontro ao indicado por diversos autores, como Tuan (1983), que afirma que o lugar é constituído por diversas esferas de valor e só pode ser compreendido por meio das experiências vividas no local.

Outro aspecto relevante nos resultados apresentados é o fato de haver um número significativo de representações idealizadas da “casa” como local de habitação. A casa é um ícone muito significativo, pois representa não apenas um abrigo, mas também está fortemente atrelada à imagem de felicidade, estabilidade e laços familiares. Uma casa com um bonito pátio, sol, pássaros e verde, é uma idealização de um imaginário positivo, indicando uma relação de topofilia com lar, mesmo que a realidade possa diferir desta idealização. No contexto desta pesquisa, este foi considerado um resultado positivo, particularmente em se tratando de crianças.

Referente aos ícones que representam o meio ambiente, possíveis problemas ambientais tiveram poucas representações nos mapas mentais, entretanto, foram os mais lembrados nos questionários. Este resultado não significa que não existam problemas ambientais ou que os alunos não os percebam, e sim que não foram priorizados em suas representações mentais. Isso pode significar, por um lado, um reforço para o resultado que indica a idealização do lugar onde mora, por outro lado, pode indicar que as crianças não tenham ainda desenvolvido plena consciência dos problemas ambientais.

Através dos questionários, foi possível obter mais respostas para esclarecer esta questão. Verificou-se na resposta da pergunta “O que você não gosta no lugar onde mora?” que 36% dos alunos respondeu itens relacionados ao meio ambiente, como buracos nas ruas, falta de saneamento e lixo. Este percentual, isoladamente, é o mais representativo dentre as respostas. Este resultado é compatível também com os resultados da questão “Qual é o maior problema no lugar onde você mora?” que apontou os problemas ambientais em primeiro lugar.

Em segundo lugar, 27% dos alunos afirmam que o maior problema é a convivência com os vizinhos, seguido de 16% que relataram problemas em lidar com o trânsito. Desse modo, os vizinhos e o trânsito em conjunto são problemas considerados mais representativos que possíveis problemas relacionados ao meio ambiente ou infraestrutura urbana. A segurança pública, de forma inesperada, representou apenas 4,5% das respostas, e também não foi representada em nenhum mapa mental, o que traz convergência ao resultado de que pelo menos metade dos alunos respondeu considerar seguro o bairro onde mora.

Outro aspecto importante de ser salientado é a representação das ruas feitas pelos alunos. De modo frequente, a representação das ruas mostrou-as como pavimentadas e com as linhas tracejadas, tipicamente mostrando as pistas de rolagem dos veículos. As calçadas, por outro lado, raramente foram representadas, assim como os pedestres. Nos mapas mentais que de fato representaram as calçadas, ficou também representado a sua falta de padrão e uniformidade. De fato, Santa Maria não é uma cidade que privilegie os pedestres, pois as calçadas são geralmente mal conservadas e muitas vezes não cumprem

seu papel, que é de fornecer um local adequado e seguro para o pedestre se deslocar, sem que este precise descer até a rua.

A falta das calçadas para pedestres, acaba por reduzir seu espaço, de modo que as pessoas caminham cada vez menos. Este resultado pode ser confirmado também pelos mapas mentais, pois são poucas as representações de pedestres ou mesmo de pessoas. Conforme afirma Yazigi (2000, p.283), “em virtude das facilidades concebidas para o automóvel e a circulação de mercadorias que norteiam todo o urbanismo da cidade, o pedestre vê-se mais uma vez diminuído”. Kozel (2009) reforça este resultado, ao afirmar que

O viver liga o corpo no espaço público, vida urbana. A calçada representa esse espaço. Sem calçadas, as pessoas não vivem a cidade. (KOZEL, 2009)

Este resultado vem de encontro também com o baixo percentual de representação de pessoas nos mapas mentais. Não havendo um lugar para as pessoas (calçadas), não há espaço para representação.

Sobre as atividades preferidas pelos alunos, ficou evidente através dos questionários que as atividades ao ar livre, como prática esportiva, são as mais demandadas, seguidas por estar próximo dos amigos. Estas práticas foram mais citadas do que os divertimentos eletrônicos, indicando uma tendência contrária ao senso comum, que muitas vezes considera que o jovem dos dias atuais não busca mais atividades esportivas ou coletivas.

Quando investigando sobre questões relativas à segurança pública, mais da metade dos alunos afirmou se sentir seguro em seus bairros, ainda que estes estejam em diferentes regiões de Santa Maria. Apenas 11% afirmam não se sentirem seguros. Este resultado pode ter forte relação com a faixa etária dos alunos, que podem ainda não ter desenvolvido sua percepção sobre segurança pública. Por hipótese, acredita-se que este percentual seria maior se questionado na faixa etária adulta.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho analisou mapas mentais de alunos do 6º ano do ensino fundamental com a temática “*o lugar onde mora*”. Através de mapas mentais e questionários, foi possível verificar ampla variedade de representações dos alunos, ainda que dos mesmos bairros ou locais próximos. Este resultado vem de encontro com o discurso de autores consagrados da geografia humanista, que, em suma, afirmam que o lugar é composto por diversas esferas de valor individuais e dependem da experiência vivida de cada um.

A metodologia aplicada, que consistiu na elaboração de mapas mentais e questionários deu origem a uma grande quantidade de resultados, que foram analisados segundo os preceitos da geografia humanista. Pode-se afirmar que tanto o objetivo geral quanto os específicos foram atingidos. Através do objetivo geral verificou-se que a percepção dos alunos sobre o lugar onde moram é similar no que tange hábitos e preocupações, ainda que em bairros distintos. Este resultado indica que para a faixa etária e 6º ano escolar a vivência dos alunos apresenta muitas similaridades.

Verificou-se, por exemplo, que a preocupação com aspectos ambientais é uma das mais relevantes nas representações dos alunos, não somente sobre a natureza, mas também das interações da sociedade, do trânsito, convívio social com os vizinhos e segurança pública. Neste contexto, as questões ambientais foram também as mais relevantes dentre as diversas representações, fato que é também constatado através dos gráficos obtidos pelos questionários.

Destaque também deve ser dado às representações idealizadas, que representam aspectos afetivos e de felicidade das crianças, ainda que suas realidades possam não ser exatamente como as representadas, mas trata-se de uma visão positiva da própria existência.

Através deste estudo, concluiu-se que apesar dos alunos viverem em bairros diferentes, suas ocupações e visões sobre as questões levantadas são bastante similares. Pode-se afirmar que, independente do bairro ou escola, as realidades vividas pelos indivíduos aproximam-se muito. Este resultado pode ter diversas explicações, entretanto, há de se considerar que existem características semelhantes entre os alunos que participaram da atividade, sendo a principal, a faixa etária e a série de ensino.

O elevado percentual de resposta que identificam os problemas ambientais como sendo os mais relevantes, segundo a visão dos alunos, indica também que na realidade as condições gerais dos bairros analisados é bastante similar. O mesmo pode ser afirmado no sentido da segurança pública.

No que se refere às práticas de lazer dos jovens, verificou-se que a grande maioria respondeu nos questionários que prefere práticas esportivas, que são geralmente feitas ao ar livre. Apesar dessa indicação nos questionários, o mesmo não se verificou nos mapas mentais, o que leva a imaginar que muitos alunos tenham a intenção de praticar esportes ou atividades ao ar livre, mas que não necessariamente consigam fazê-las. O motivo para esta diferença pode ser a falta de locais específicos, ou apenas bem conservados, no município de Santa Maria. De fato, espaços públicos não são realidades nos bairros do município, tornando a prática esportiva uma demanda reprimida.

Por fim, cabe ressaltar que o presente trabalho não teve a pretensão de encerrar as discussões sobre os resultados obtidos, visto que, segundo a própria geografia humanista defende, cada qual tem sua visão, e resultados simbólicos como estes podem ser interpretados de muitas formas.

7 REFERÊNCIAS

ARCHELA, R.; GRATÃO, L.; TROSTDORF, M. O lugar dos mapas mentais na representação do lugar. **GEOGRAFIA (Londrina)**, v. 13, p. 127–141, 2010.

BERTIN, M. **O Ensino da Geografia na Tríplice Fronteira (Puerto Iguazú/AR, Foz do Iguaçu/BR e Ciudad del Este/PY), e o Turismo como possibilidade de reflexão das representações sociais e espaciais**. [s.l.] Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Brasília. 1996. 31p.

BRASIL. **Lei da Educação Ambiental - Lei 9795/99**, Brasília, 1999.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : geografia / Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília : MEC/SEF, 1998.156 p.

BUTTIMER, A. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. In: CHRISTOFOLETTI, A. (Ed.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982. p. 165–193.

DARDEL. **L' homme et la terre – nature de la réalité géographique**. Paris: [s.n.].

FERRARA, Lucrecia D. A. As Cidades Illegíveis – percepção ambiental e cidadania. In: DEL RIO, Vicente; OLIVEIRA, Livia (orgs). **Percepção Ambiental – a experiência brasileira**. São Paulo: UFSCar. 1999

FRASSON, V. DA R. **Análise da percepção ambiental de atores sociais do município de Balneário Camboriú-SC**. [s.l.] Dissertação (Mestrado em Geografia e Geociências) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**, 2010. Disponível em <<http://www.cidades.ibge.br>>. Acessado em Set 2017. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**, 2012. Disponível em <<http://www.cidades.ibge.br>>. Acessado em Set 2017.

KOZEL, S. **Das imagens às linguagens do geográfico: Curitiba a “capital ecológica”**. [s.l.] Tese de doutorado. Universidade de São Paulo - USP, 2001. KOZEL, S.; GALVÃO, W. Representação e Ensino de Geografia: Contribuições Teórico-Metodológicas. **Ateliê Geográfico - Revista Eletrônica**, v. 2, n. 3, p. 33–48, 2008.

LIMA, A. M. L.; KOZEL, S. Lugar e mapa mental: uma análise possível. **Geografia - Universidade Estadual de Londrina**, v. 18, n. 1, p. 207–231, 2009.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

MARANDOLA, E. Fenomenologia e pós-fenomenologia: alternâncias e projeções do fazer geográfico humanista na geografia contemporânea. p. 49–64, 2013.

NITSCHKE, L. B.; KOZEL, S. Representações Geográficas e turismo: Um estudo interdisciplinar. **II Colóquio Nacional do NEER**, v. 2, 2007.

OLIVEIRA, N. A. DA S. A educação ambiental e a percepção fenomenológica, através de mapas mentais. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v. 16, p. 32–46, 2006. -, N. A. **Percepção dos resíduos sólidos (lixo) de origem domiciliar, no bairro Cajuru: Curitiba-PR: um olhar reflexivo a partir da**

Educação ambiental. 2006. 173f. Dissertação (Programa Pós-Graduação em Geografia)- Universidade Federal do Paraná– Universidade Federal do Paraná: 2006.

ONU. **Declaration of the United Nations Conference on the Human Environment**. . Stockholm,1972

RAISZ, E.; **Cartografia Geral**, 1969.

RIBEIRO, W. C.; LOBATO, W.; LIBERATO, R. C. Notas sobre fenomenologia, percepção e educação ambiental. **Revista Eletrônica Sinapse Ambiental**, p. 42– 65, 2009.

ROHDE, M. D. S. **Percepção dos Problemas Ambientais Urbanos a partir do uso de Mapas Mentais: Uma proposta de Educação Ambiental Crítica/Emancipatória em Escola Urbana de Rosário do Sul-RS**. [s.l.] Universidade Federal de Santa Maria, 2012.

RELPH, E. **Place and Placelessness**, 1976.

SANTOS, C. Desenhos e mapas no ensino da Geografia: a linguagem visual que não é vista. **Geograficidade. Uma revista do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural**, v. 3, n. 1m, p. 80–92, 2013.

SEAMON, D.; SOWERS. J.; **Human Geography**. London: Sage, 2008, pp. 43-51.

TUAN, Y.-F. **Espaço e Lugar: A perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

YÁZIGI, E. **O mundo das calçadas - Por uma política democrática de espaços públicos**. São Paulo: Humanitas - Imprensa Oficial, 2001.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO

1 - Em qual bairro você mora?

2 - Diga um ponto de referência que você conhece no bairro onde fica a sua casa.

3 - O que você mais gosta de fazer no lugar onde mora?

4 - Do que você não gosta no lugar onde mora?

5 - Você conhece seus vizinhos? Tem amizade com eles e/ou com outras pessoas do bairro onde mora?

6 - Há familiares morando perto da sua casa?

7 - Qual é o maior problema no lugar onde você mora?

8 - Você se sente seguro no seu bairro?

9 - Quais são os lugares que você conhece no bairro onde você mora?

10 - Quais são os lugares que você gostaria de conhecer no bairro onde você mora?